



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PLANEJAMENTO TERRITORIAL E
DESENVOLVIMENTO SOCIAL (PPGPTDS)**

**ICONOGRAFIA DO ARTESANATO: USO DOS RECURSOS NATURAIS E A
CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE NO LITORAL NORTE DA BAHIA**

**Marcos Paulo Sales do Nascimento
Orientador: Prof. Dr. Geraldo Jorge Barbosa de Moura
Coorientador: Prof. Dr. Moacir Santos Tinoco**

**SALVADOR/BAHIA
2021**

MARCOS PAULO SALES DO NASCIMENTO

**Iconografia do Artesanato: Uso dos Recursos Naturais e a Conservação da
Biodiversidade no Litoral Norte da Bahia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social (PPGPTDS), da Universidade Católica do Salvador (UCSal), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Jorge Barbosa de Moura – UFRPE.

Corientador: Prof. Dr. Moacir Santos Tinoco – UCSal.

**SALVADOR – BAHIA
2021**

Ficha Catalográfica. UCSAL. Sistema de Bibliotecas

N244 Nascimento, Marcos Paulo Sales do

Iconografia do artesanato: uso dos recursos naturais e a conservação da biodiversidade no litoral norte da Bahia / Marcos Paulo Sales do Nascimento – Salvador, 2021.

97 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Jorge Barbosa de Moura.

Coorientador: Prof. Dr. Moacir Santos Tinôco.

1. Produtos artesanais 2. Cultura popular 3. Análise iconográfica 4. Espécies ameaçadas de extinção 5. Sustentabilidade I. Moura, Geraldo Jorge Barbosa de – Orientador II. Tinôco, Moacir Santos – Coorientador III. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. IV. Título.

CDU 745:39(813.8)

TERMO DE APROVAÇÃO

MARCOS PAULO SALES DO NASCIMENTO

ICONOGRAFIA DO ARTESANATO: USO DOS RECURSOS NATURAIS E A CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE DO LITORAL NORTE DA BAHIA

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social.

Salvador, 04 de março de 2021.

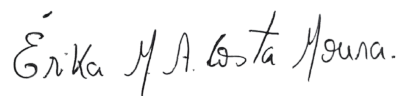
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Geraldo Jorge Barbosa de Moura (UFRPE/UCSal) – Orientador



Profª. Dra. Cristina Maria Macêdo de Alencar – Membro interno (UCSal)



Profª. Dra. Erika Maria Asevedo Costa Moura – Membro externo (UNICAP)



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação
Programa de Pós-graduação em Planejamento Territorial e
Desenvolvimento Social

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Ata de **DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO** de **MARCOS PAULO SALES DO NASCIMENTO**, no curso de Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social da Universidade Católica do Salvador. Ao quarto dia do mês de março do ano de dois mil e vinte e um, às 14h, reuniu-se remotamente, através de videoconferência (Segundo Portaria CAPES nº 36 de 19/03/2020), a Banca Examinadora composta pelas(o) Prof^{as}(o) Dr^{as}(o) Geraldo Jorge Barbosa de Moura (orientador), Moacir Santos Tinoco (Coorientador), Cristina Maria Macêdo de Alencar (Examinadora interna) e Érika Maria Asevedo Costa Moura (Examinadora externa – UNICAP) para examinar a dissertação intitulada **Iconografia do Artesanato: Uso dos Recursos Naturais como Ferramenta para a Conservação da Biodiversidade na Comunidade de Massarandupió, Litoral Norte da Bahia**.

Após arguição e discussão, a banca examinou, analisou e avaliou o referido trabalho, chegando à conclusão de que: APÓS A DISCUSSÃO PROVADA DA BANCA, O MESTRANDO MARCOS PAULO SALES NASCIMENTO FOI CONSIDERADO APROVADO.

Nada mais havendo a ser tratado, esta Comissão Examinadora encerrou a reunião da qual eu, orientador do mestrando, lavrei a presente ATA, que após lida e achada conforme, vai assinada pelas examinadoras, pelo mestrando e por mim.

Salvador, 04 de março de 2021.

Orientador

Examinadora interna

Examinadora externa

Mestrando

Em especial, dedico este trabalho à minha mãe, Dona Vanda (Ivanilde Sales do Nascimento, *in memoriam*). Motivos? Infinitos e imortais... Por ter me concebido e me proporcionado o dom da vida, por me amar, por acreditar e apoiar as minhas escolhas, pela formação que me ofereceu, por ter me mostrado sempre as várias possibilidades da vida, pelo amor, carinho, amizade e apoio em cada fase da minha vida, enquanto estivemos juntos neste plano, fisicamente. Este trabalho também é dedicado à Mãe Natureza e a todas as artesãs de Massarandupió, mulheres especiais, de fibra, guardiãs da ancestralidade, que nutrem um olhar especial pela vida e vislumbram na tradição da arte popular a sua mais genuína forma de expressão.

Muito obrigado!

AGRADECIMENTOS

Realizar uma pesquisa de campo em meio a uma das maiores pandemias vivenciadas pela humanidade, no último século, não foi uma tarefa fácil. Tempos difíceis, que vitimou mais de 600 mil brasileiros. Tempo de superação, de desafios, de transpor dificuldades e angústias... Momentos intensos e algumas pequenas vitórias. Um tempo de aprendizado, de muito (re)trabalho, de horas insones, de dúvidas sobre as escolhas e os caminhos a que elas levariam, ou ainda sobre a melhor forma de se fazer ciência nestes tempos. Construir, desconstruir, reconstruir e se reinventar, a todo o tempo. Foram muitos os obstáculos até chegar ao texto final desta dissertação. E o resultado disso tudo é dedicado e partilhado com todos e todas que conviveram comigo neste momento histórico importante. Agradeço à minha família e, mais uma vez, à minha Mãe (*in memoriam*), que sempre enxergou na educação uma forma de transpor barreiras. Às artesãs de Massarandupió, por todo o carinho e acolhimento. Especialmente aos meus orientadores, Geraldo Jorge Barbosa de Moura e Moacir Santos Tinoco, por todo o apoio, compreensão e, principalmente, por acreditar na viabilidade deste trabalho. A todo o corpo docente, discente e administrativo da Universidade Católica do Salvador (UCSal) e, em especial, à professora doutora Cristina Maria Macêdo de Alencar, minha gratidão. Representando o corpo docente da universidade, os (as) professores (as) doutores (as) Débora Porciúncula, Liliane Vasconcelos, Silvana Carvalho, Cristina Marchi, Maya Manzi, Laila Mourad, Aparecida Teixeira. Obrigado pela incansável disposição e leveza em contribuir para melhoria desta pesquisa com indicações importantes. Aos amigos, sem vocês, peças fundamentais desta engrenagem, tudo seria mais árduo. Aos que estiveram sempre comigo, num contato próximo, aos que passaram, aos que não estão mais por aqui, mas deixaram suas marcas, a minha gratidão. A todas as instituições onde tive a oportunidade em trabalhar, aprender e contribuir, em especial, ao Condomínio Busca Vida e à Lacerta Ambiental, pela oportunidade. Aos amigos de turma, pelos momentos tensos, intensos e divertidos divididos, pelo carinho, pela cumplicidade e pelo elo de amizade. E a todos que acreditaram, incentivaram e torceram, cada um da sua maneira, para que tudo desse certo. A vocês, o meu mais sincero agradecimento!

EPÍGRAFE

Massarandupió

(Chico Buarque/Chico Brown)

Em volta da massaranduba-mor

De Massarandupió

Aquele pia

Aquele neguinho

Aquele psiu

Um bacuri ali sozinho

Caminha

Ali onde ninguém espia

Ali onde a perna bambeia

Ali onde não há caminho

Lembrar a meninice é como ir

Cavucando de sol a sol

Atrás do anel de pedra cor de areia

Em Massarandupió

Cavuca daqui

Cavuca de lá

Cavuca com fé

Oh, São Longuinho

Oh, São Longuinho

Quem sabe

De noite o vento varre a praia

Arrasta a saia pela areia

E sobe num redemoinho

É o xuí

Das ondas a se repetir

Como é que eu vou saber dormir
Longe do mar
Ó mãe, pergunte ao pai
Quando ele vai soltar a minha mão
Onde é que o chão acaba
E principia toda a arrebentação

Devia o tempo de criança ir se
Arrastando até escoar, pó a pó
Num relógio de areia o areal de
Massarandupió
Devia o tempo de criança ir se
Arrastando até escoar, pó a pó
Num relógio de areia o areal de
Massarandupió

Dunas de Massarandupió, Entre Rios (BA)



Fonte: Marcos Paulo Sales (2021)

SALES, Marcos Paulo. Iconografia do Artesanato: Uso dos Recursos Naturais e a Conservação da Biodiversidade no Litoral Norte da Bahia. Orientador: Professor Dr. Geraldo Jorge Barbosa de Moura. Coorientador: Professor Dr. Moacir Santos Tinoco. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, Universidade Católica do Salvador (UCSal), 2021.

RESUMO

O artesanato, confeccionado a partir dos elementos da biodiversidade, sugere um cenário de sustentabilidade, transformação social e empoderamento das comunidades localizadas no Litoral Norte da Bahia. Este trabalho tem como objetivo identificar, classificar e mapear o artesanato produzido na região, a partir da utilização dos recursos naturais do bioma Mata Atlântica, sob a ótica da iconografia. Propomos como foco a análise da representação das espécies da fauna e flora endêmicas, em risco e/ou ameaçadas de extinção. Também buscou-se entender como os artesãos estão estruturados em suas rotinas produtivas. Delimitamos a comunidade de Massarandupió, no município de Entre Rios (BA), como área de interesse, sobretudo por sua importância para a biodiversidade e por ainda conservar uma vegetação remanescente no bioma, em áreas de restinga, o que ressalta a importância da região para a conservação ambiental. Para fundamentar a pesquisa e atingir os objetivos propostos, adotamos como metodologia a pesquisa de campo e revisão bibliográfica, com estudo de caso realizado na Associação das Artesãs de Massarandupió (ADAM), análise iconográfica do artesanato, entrevista semiestruturada com as artesãs. O levantamento realizado na comunidade permitiu conhecer as espécies da biodiversidade local, ameaçadas de extinção, e a representação iconográfica de oito imagens representativas do território nos produtos artesanais confeccionados. A partir dos resultados obtidos, foi possível compreender como as artesãs denunciam, por meio do artesanato, a ameaça de extinção das espécies nativas e contribuem para a conservação ambiental e divulgação da biodiversidade da vila de Massarandupió.

Palavras-chave: Produtos artesanais; Cultura popular; Análise iconográfica; Espécies ameaçadas de extinção; Sustentabilidade.

SALES, Marcos Paulo. Iconografia do Artesanato: Uso dos Recursos Naturais e a Conservação da Biodiversidade do Litoral Norte da Bahia. Orientador: Professor Dr. Geraldo Jorge Barbosa de Moura. Coorientador: Professor Dr. Moacir Santos Tinoco. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, Universidade Católica do Salvador (UCSal), 2021.

ABSTRACT

The handicraft, made from elements of biodiversity, suggests a scenario of sustainability, social transformation and empowerment of communities located on the North Coast of Bahia. This work aims to identify, classify and map the handicraft produced in the region, using the natural resources of the Atlantic Forest biome, from the perspective of iconography. We propose as a focus the analysis of the representation of endemic, endangered and/or endangered species of fauna and flora. We also sought to understand how artisans are structured in their productive routines. We delimited the community of Massarandupió, in the municipality of Entre Rios (BA), as an area of interest, mainly for its importance for biodiversity and for still conserving a remaining vegetation in the biome, in areas of restinga, which highlights the importance of the region for environmental conservation. To support the research and achieve the proposed objectives, we adopted the methodology of field research and literature review, with a case study carried out at the Associação das Artesãs de Massarandupió (ADAM), iconographic analysis of handicrafts, semi-structured interviews with the artisans. The survey carried out in the community made it possible to know the species of local biodiversity, threatened with extinction, and the iconographic representation of eight representative images of the territory in the handmade products made. From the results obtained, it was possible to understand how the artisans denounce, through handicrafts, the threat of extinction of native species and contribute to environmental conservation and dissemination of the biodiversity of the village of Massarandupió.

Keywords: Handcrafted products; Popular culture; Iconographic analysis; Endangered species; Sustainability.

SALES, Marcos Paulo. Iconografia do Artesanato: Uso dos Recursos Naturais e a Conservação da Biodiversidade do Litoral Norte da Bahia. Orientador: Professor Dr. Geraldo Jorge Barbosa de Moura. Coorientador: Professor Dr. Moacir Santos Tinoco. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, Universidade Católica do Salvador (UCSal), 2021.

RESUMEN

La artesanía, elaborada con elementos de la biodiversidad, sugiere un escenario de sostenibilidad, transformación social y empoderamiento de las comunidades ubicadas en el Litoral Norte de Bahía. Este trabajo tiene como objetivo identificar, clasificar y mapear la artesanía producida en la región, utilizando los recursos naturales del bioma de la Mata Atlántica, desde la perspectiva de la iconografía. Proponemos como enfoque el análisis de la representación de especies de fauna y flora endémicas, amenazadas y/o amenazadas. También buscamos comprender cómo los artesanos se estructuran en sus rutinas productivas. Delimitamos la comunidad de Massarandupió, en el municipio de Entre Ríos (BA), como área de interés, principalmente por su importancia para la biodiversidad y por conservar aún un remanente de vegetación en el bioma, en áreas de restinga, lo que destaca la importancia de la región para la conservación del medio ambiente. Para sustentar la investigación y alcanzar los objetivos propuestos, adoptamos la metodología de investigación de campo y revisión bibliográfica, con estudio de caso realizado en la Associação das Artesãs de Massarandupió (ADAM), análisis iconográfico de las artesanías, entrevistas semiestructuradas con los artesanos. El relevamiento realizado en la comunidad permitió conocer las especies de la biodiversidad local, amenazadas de extinción, y la representación iconográfica de ocho imágenes representativas del territorio en los productos artesanales elaborados. A partir de los resultados obtenidos, fue posible comprender cómo los artesanos denuncian, a través de la artesanía, la amenaza de extinción de especies nativas y contribuyen a la conservación ambiental y difusión de la biodiversidad del pueblo de Massarandupió.

Palabras llave: Productos artesanales; Cultura popular; análisis iconográfico; Especie en peligro; Sustentabilidad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Calango do Abaeté (<i>Glaucomastix abaetensis</i>)	26
Figura 2	–	Sede da Associação das Artesãs de Massarandupió (ADAM)	39
Figura 3	–	Entrada da Vila de Massarandupió/Entre Rios (BA)	41
Figura 4	–	Mapa da área de estudo/Massarandupió (BA)	45
Figura 5	–	Biodiversidade e patrimônio natural de Massarandupió (BA)	45
Figura 6	–	Processo de produção do trançado Tupinambá	48
Figura 7	–	Manejo e coleta da Piaçava da Bahia	48
Figura 8	–	Cozimento da fibra da piaçava da Bahia	49
Figura 9	–	Preparação do câimbo e secagem da fibra	49
Figura 10	–	Processo de riscagem finalizado e pronto para o tingimento	50
Figura 11	–	Processo de tingimento da fibra da piaçava	50
Figura 12	–	Início do trançado Tupinambá, técnica de origem indígena	51
Figura 13	–	Modelagem e costura do trançado Tupinambá	52
Figura 14	–	Comercialização do artesanato	52
Figura 15	–	PDDI da análise iconográfica do Trançado Tupinambá	55
Figura 16	–	PDDI da análise iconográfica da flora (Cactáceas)	56
Figura 17	–	PDDI da análise iconográfica da flora (Cactáceas)	57
Figura 18	–	PDDI da análise iconográfica da flora (Cactáceas)	58
Figura 19	–	PDDI da análise iconográfica da fauna: Serpentes	59
Figura 20	–	PDDI da análise iconográfica da fauna: Calango do Abaeté	60
Figura 21	–	PDDI da análise iconográfica da fauna: Tartarugas marinhas	61
Figura 22	–	PDDI da análise iconográfica da fauna: Cágados e Jabutis	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Fatores de risco que ameaçam o Calango do Abaeté	27
Quadro 2	–	Principais diferenças entre Iconografia e Iconologia	33
Quadro 3	–	Categorização dos sujeitos da Pesquisa	42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADAM	–	Associação das Artesãs de Massarandupió
AMAM	–	Associação dos Moradores e Amigos de Massarandupió
APA	–	Área de Proteção Ambiental
APA/LNB	–	Área de Proteção Ambiental – Litoral Norte da Bahia
CAAE	–	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CAPES	–	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	–	Comitê de Ética em Pesquisa
IMA	–	Instituto do Meio Ambiente
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PPDI	–	Protocolo de Pesquisa de Documento Iconográfico
PRODETUR	–	Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste
SciELO	–	Scientific Electronic Library Online
SIBiUSP	–	Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo
TCLE	–	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCSAL	–	Universidade Católica do Salvador
UICN	–	União Internacional para Conservação da Natureza
USP	–	Universidade de São Paulo
ZPA	–	Zona de Proteção Ambiental

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO GERAL	16
2. ICONOGRAFIA DO ARTESANATO: REPRESENTAÇÃO DA BIODIVERSIDADE NOS PRODUTOS ARTESANAIS E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A CONSERVAÇÃO AMBIENTAL NO LITORAL NORTE DA BAHIA. 21	
2.1. Introdução	23
2.2. Referencial teórico	29
2.3. Material e Métodos	37
2.3.1 Amostragem e coleta de dados	40
2.3.2 Método de análise iconográfica	42
2.3.3 Caracterização da área de estudo	43
2.4. Resultados e discussões	46
2.4.1. Etapas de produção do artesanato Tupinambá.....	47
2.4.2 Análise iconográfica do artesanato em Massarandupió: Trançado Tupinambá, <i>Cactaceae</i> , <i>Squamata</i> e <i>Testudines</i>	53
2.5. Considerações finais	63
2.6. Referências.....	66
3. CONSIDERAÇÕES GERAIS	70
APÊNDICE A – BANCO DE IMAGENS	72
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	85
ANEXO A – PUBLICAÇÃO DE ARTIGO EM ANAIS DE EVENTOS.....	87
ANEXO B – PUBLICAÇÃO DE RESUMO EM ANAIS DE EVENTOS	88
ANEXO C – PUBLICAÇÃO EM ANAIS DE EVENTOS	89
ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	90
ANEXO E – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	93

1. INTRODUÇÃO GERAL

Massarandupió¹ é uma pequena vila situada no Litoral Norte da Bahia, na porção costeira do município de Entre Rios (BA). Distante cerca de 120 quilômetros da capital baiana, conta com 565 moradores e tem no artesanato, de origem Tupinambá, a marca da sua identidade territorial e uma das principais atividades econômicas. A vila é um paraíso para quem busca tranquilidade, praias desertas e uma convivência próxima com a natureza. No passado, a vila despertou (e ainda desperta) a curiosidade e estimula o imaginário coletivo de quem já ouviu alguma história sobre o lugar.

Inserida num território especial e diverso, a vila conta com cenário ambiental específico, com praias, dunas e mangues, onde os moradores mantêm um estilo de vida próximo com a natureza e a conserva. As belezas cênicas e características do lugar chamam a atenção de “empreendedores”, seja pela especulação imobiliária ou disputas territoriais, para a construção de redes hoteleiras e casas de veraneio, ou pela supressão da vegetação remanescente da Mata Atlântica, que dá lugar a enormes pés de eucalipto, mudando a paisagem da região. Essas atividades ameaçam a continuidade de um saber-fazer ancestral: o artesanato, que preserva e difunde o trançado Tupinambá.

Este universo também é um atrativo para turistas, seja pelos atributos já citados, seja pelos modos de vida e simplicidade da vila, que atraem visitantes e despertam o seu interesse ou, simplesmente, pela possibilidade de tomar um banho de sol despido de qualquer preconceito. Sim, em Massarandupió está localizada a primeira e única praia exclusivamente naturista da Bahia. Para além dos “corpos nus”, dourados pelo sol e banhados pelas águas salgadas do mar, a vila possui uma vocação naturista que estimula a visitação, aliada aos atrativos naturais.

O interesse deste pesquisador pela região surgiu por diversos motivos: belezas cênicas do patrimônio natural local (boa parte ainda conservada), pelos modos de vida da comunidade, habitante tradicional daquele território e, sobretudo, pela criativa e expressiva produção artesanal, objeto deste estudo.

¹ Inserida na Área de Proteção Ambiental (APA) Litoral Norte, a comunidade tem no artesanato uma das suas principais tradições, que ocupa e empodera as mulheres, gerando ocupação, renda e reconhecimento. O cenário ressalta a importância da localidade para a conservação ambiental e a proteção das espécies ameaçadas de extinção¹, sendo considerada um *hotspot* de biodiversidade.

O meu contato mais próximo com a comunidade de Massarandupió, para além do imaginário coletivo, ocorreu no ano de 2012. Em função da profissão (sou jornalista e atuei no jornalismo ambiental por muitos anos), fui escalado para realizar a cobertura jornalística e fotográfica de uma reunião entre a Secretaria Estadual do Meio Ambiente (Sema) e representantes das associações dos Moradores e Amigos de Massarandupió (AMAM) e das Artesãs de Massarandupió (ADAM). Na pauta, deliberações sobre a Área de Proteção Ambiental do Litoral Norte (APA/LN) e a preocupação da comunidade com o futuro daquele pequeno paraíso.

Passados quase dez anos daquele encontro inicial, outro contato se estabeleceu na pós-graduação, desta vez de forma mais próxima, durante pesquisa de campo realizada na vila. Após o estranhamento inicial das artesãs com o “estrangeiro” que ali chegava, fui muito bem recepcionado e acolhido por aquelas artesãs que trançam belíssimas histórias com as mãos. Por meio da memória oral e da produção de imagens fotográficas, que originou uma análise iconográfica do artesanato local, busquei entender aquele contexto. Encontrei histórias ricas e diversas, de valorização do passado, das tradições, do convívio e respeito com a natureza. Entendi o lema que elas carregam, endossado pela Constituição: cuidar da natureza para não faltar aos que virão.

Com gravador e máquina fotográfica sempre em mãos, além de papéis, roteiros de entrevistas e termos de consentimento para serem lidos, datados e assinados pelas artesãs, consegui romper a barreira do estranhamento inicial, comum em qualquer início de relacionamento. Entrei – por um espaço-tempo pré-determinado – para entender a rotina produtiva do fazer artesanal daquelas mulheres e a sua relação com a natureza.

Por mais de 15 dias, com períodos de visita alternados, tive um contato intenso, frequentei a sede da ADAM, acompanhei as etapas de produção do artesanato e todo o processo extrativista para a colheita da piaçava da Bahia, que dá origem aos artefatos, e acompanhei a comercialização dos produtos. Foi lá que realizei toda a minha pesquisa de mestrado, que deu origem a esta dissertação, para os programas de Pós-graduação em Planejamento Ambiental (PPGPA) e Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social (MPTDS), da Universidade Católica do Salvador (UCSal).

O desafio foi analisar o artesanato produzido por elas, com origem nos povos tradicionais que habitaram aquele território no passado, e a iconografia que acompanha o artesanato produzido por mãos habilidosas, que têm na piaçava o seu sustento e a sua

forma de expressão artística. Elas contam com orgulho que o trançado produzido hoje é um saber-fazer transmitido de forma geracional, de avós para filhas e netas, e que surgiu com os Tupinambás. E naquele “mundaréu de areia à beira-mar”, como canta Chico Buarque na canção *Massarandupió* (2011), a tradição, mesmo com forças diversas atuando ali, e que podem impactar no apagamento da história e do ofício artesanal, se mantém e tenta ganhar novo fôlego.

Ao vivenciar e conhecer aquela realidade, tanto na associação quanto no cotidiano da vila e das artesãs, tive o privilégio de conhecer as múltiplas experiências de vida que ali se manifestam. Mesmo com todas as adversidades experimentadas e vivenciadas por aquelas mulheres-artesãs, a solidariedade, a garra, o altruísmo, o otimismo e a persistência são características que contribuem para o fortalecimento da tradição, do sentimento de pertencimento da comunidade e do desenvolvimento local. Hoje elas lutam e buscam apoio para implantar um Monumento Natural (MoNa), das Dunas de Massarandupió, categoria de unidade de conservação que busca preservar a integridade de um elemento natural único, raro e de importante beleza cênica.

Entendo o artesanato produzido em Massarandupió como um elemento social transformador, uma marca da cultura² local. A fonte de inspiração, o recurso natural utilizado, a possibilidade de geração de renda e ocupação das mulheres mudaram a dinâmica da vila. A cultura e suas manifestações são percebidas nos objetos produzidos com delicadeza, por mãos habilidosas, com a representação simbólica da diversidade cultural e ambiental, manifestada em expressões únicas.

A partir das considerações aqui expostas, busquei neste estudo o entendimento sobre o processo produtivo do artesanato num contexto de produção sustentável e como estes artefatos podem contribuir para propor e estimular reflexões sobre temas contemporâneos, como a relação entre ser humano *versus* natureza, a ação antrópica e predatória do ser humano sobre o meio ambiente, a conservação da biodiversidade e a representação das espécies endêmicas pelo artesanato.

² Entendemos cultura aqui a partir da visão estabelecida nas ciências sociais, definida assim por Cuche (1999, p. 150): “[...] a cultura comum das pessoas comuns, isto é, uma cultura que se fabrica no cotidiano, nas atividades ao mesmo tempo banais e renovadas a cada dia. Para ele, a criatividade popular não desapareceu, mas não está necessariamente onde a buscamos, nas produções perceptíveis e claramente identificáveis. Ela é multiforme e disseminada: ela foge por mil caminhos”.

Este estudo integra a dissertação denominada “Iconografia do Artesanato: Uso dos Recursos Naturais e a Conservação da Biodiversidade do Litoral Norte da Bahia”. Uma problemática não compreendida foi respondida durante a pesquisa: o artesanato, produzido e comercializado na região, possui uma identidade iconográfica, representa uma cultura de conservação ambiental e dialoga com as espécies endêmicas da região? A utilização dos recursos naturais ocorre de forma sustentável? Como é a associação entre conhecimentos tradicionais e o meio ambiente? Com abordagens metodológicas que englobaram a revisão de literatura e análise iconográfica, encontramos em Massarandupió uma produção expressiva e criativa do artesanato, que dialoga com o cotidiano da vila, as relações que se estabelecem com a natureza e a representação simbólica da biodiversidade (fauna e flora) pelo artesanato.

O estudo caracterizou-se como exploratório e descritivo por realizar um levantamento das artesãs, a partir da configuração produtiva e iconográfica, com viés socioambiental, associado a uma escassez de literatura científica sobre as temáticas abordadas (associação entre o artesanato, matéria-prima, objeto de interesse e representação iconografia). Com o desenho metodológico definido, traçamos o perfil do artesanato em Massarandupió e levantamos indicadores do processo de produção, recursos naturais utilizados, diversidade dos artefatos e representação cultural.

O objetivo geral deste estudo foi descrito da seguinte forma:

- Conhecer e classificar o artesanato produzido na comunidade de Massarandupió, no Litoral Norte da Bahia, a partir da utilização dos recursos naturais da Mata Atlântica, sob a ótica da iconografia, com foco na representação das espécies endêmicas em risco e/ou ameaçadas de extinção.

Para atingir o objetivo proposto, estabelecemos um marco teórico para o artesanato produzido no Litoral Norte da Bahia, a partir da análise iconográfica. Ao estabelecer a associação entre artesanato, espécies ameaçadas (fauna e flora), recursos naturais e iconografia, objetivou-se estimular a divulgação das espécies endêmicas ameaçadas de extinção, tornando-as conhecidas e, conseqüentemente, estimular a sua proteção e

conservação, a exemplo do que acontece com o Projeto Tartarugas Marinhas (Projeto Tamar)³, em Praia do Forte.

Definiu-se como objetivos específicos as seguintes abordagens:

- Levantar informações sobre o artesanato, descrever o processo produtivo e conhecer recursos naturais utilizados;
- Realizar um levantamento iconográfico do artesanato, com vistas a conhecer como ocorre a representação das espécies endêmicas (fauna e flora) em risco e/ou ameaçadas de extinção por meio destes artefatos.

Por fim, a hipótese inicial levantada para este estudo, de que a representação de uma identidade local do artesanato, característica marcante do ofício, não ocorre em todos os municípios costeiros do Litoral Norte da Bahia, foi refutada. Encontramos no artesanato de Massarandupió uma produção pujante e criativa, que valoriza aspectos sociais e ambientais da comunidade, como a representação das espécies ameaçadas de extinção, que será vista detalhadamente no artigo a seguir.

³ O Projeto Tamar, com sede em Praia do Forte, na Bahia, foi fundado em 1980 e é um dos principais pontos de atração da Costa dos Coqueiros. É reconhecido internacionalmente como uma das mais bem-sucedidas experiências de conservação marinha, sobretudo por envolver as comunidades costeiras no trabalho socioambiental. A missão do projeto é realizar pesquisa, conservação e manejo das cinco espécies de tartarugas marinhas que ocorrem no Brasil, todas ameaçadas de extinção, protegendo cerca de 1.100 km de praias, em 26 localidades, nas áreas de alimentação, desova, crescimento e descanso desses animais, no litoral e em ilhas oceânicas, em nove Estados brasileiros. (SEBRAE, 2018, p. 77)

2. ICONOGRAFIA DO ARTESANATO: REPRESENTAÇÃO DA BIODIVERSIDADE NOS PRODUTOS ARTESANAIS E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A CONSERVAÇÃO AMBIENTAL NO LITORAL NORTE DA BAHIA

RESUMO

Neste artigo, apresentamos os resultados de uma pesquisa realizada na comunidade de Massarandupió, no município de Entre Rios (BA), cujo objetivo foi realizar uma análise iconográfica do artesanato produzido na comunidade. A partir das pesquisas e observações realizadas na Associação das Artesãs de Massarandupió (ADAM), o estudo revelou como as artesãs representam a natureza (fauna e flora) e contribuem para a conservação ambiental das espécies ameaçadas de extinção, em artefatos trançados com a piaçava da Bahia. Na contemporaneidade, elas representam uma forma de resistência – tanto ao mundo globalizado quanto aos conflitos ambientais –, são protagonistas de um ofício ancestral, que teve origem com os índios Tupinambás, técnica única no mundo. Ao tramarem novas formas para o artesanato tradicional, com a representação da biodiversidade, os antigos ensinamentos e segredos do ofício secular se misturam num processo de hibridação cultural que associa elementos empíricos como a ancestralidade, saberes tradicionais e oralidade, e estabelecem um diálogo – por vezes conflituoso – entre a tradição, o meio ambiente e a globalização. Foram utilizados procedimentos metodológicos específicos para cada fase do estudo. Como resultado, as representações iconográficas identificadas no artesanato da vila ocorreram em três grupos distintos da fauna e flora, reunidas no Protocolo de Pesquisa de Documento Iconográfico (PDDI), quando se chegou ao conjunto das oito imagens mais representativas: o grupo das *Cactáceas* (flora), e a representação da fauna pelos grupos *Squamata* (serpentes e lagartos) e *Testudines* (tartarugas, cágados e jabutis). Em todos os grupos representados, ficou evidente a relação próxima entre as artesãs e os animais que compõem a fauna e a flora da região. Por fim, concluímos que as artesãs vivem e transmitem o seu legado cultural, conservam o meio ambiente e mantêm vivas as tradições e memórias ancestrais do ofício. No contexto local, o artesanato se atualiza num processo contínuo, resiste e se reinventa em novos símbolos e significados contemporâneos, estabelece conexões e preocupações com o futuro, tenta afastar a ameaça do desaparecimento da tradição, fortalece a identidade territorial da comunidade e chama a atenção para a urgência das questões ambientais.

Palavras-chave: Análise iconográfica; Produtos artesanais; Trançado Tupinambá; Conservação ambiental; Massarandupió.

ABSTRACT

In this article, we present the results of a research carried out in the community of Massarandupió, in the municipality of Entre Rios (BA), whose objective was to carry out an iconographic analysis of the handicrafts produced in the community. Based on research and observations carried out at Associação das Artesãs de Massarandupió (ADAM), the study revealed how artisans represent nature (fauna and flora) and contribute to the environmental conservation of endangered species, in artifacts woven with piaçava from Bahia. In contemporary times, they represent a form of resistance – both to the globalized world and to environmental conflicts –, they are protagonists of an ancestral craft, which originated with the Tupinambás Indians, a unique technique in the world. By plotting new ways for traditional craftsmanship, with the representation of biodiversity, the ancient teachings and secrets of the secular craft are mixed in a process of cultural hybridization that associates empirical elements such as ancestry, traditional knowledge and orality, and establish a dialogue - sometimes conflictual – between tradition, environment and globalization. Specific methodological procedures were used for each phase of the study. As a result, the iconographic representations identified in the handicrafts of the village occurred in three distinct

groups of fauna and flora, gathered in the Iconographic Document Research Protocol (PDDI), when the group of eight most representative images was reached: the group of Cactaceae (flora), and the representation of the fauna by the Squamata (snakes and lizards) and Testudines (turtles, tortoises and tortoises) groups. In all the groups represented, the close relationship between the artisans and the animals that make up the fauna and flora of the region was evident. Finally, we conclude that artisans live and transmit their cultural legacy, preserve the environment and keep alive the traditions and ancestral memories of the craft. In the local context, handicraft is updated in a continuous process, resists and reinvents itself in new contemporary symbols and meanings, establishes connections and concerns with the future, tries to ward off the threat of the disappearance of tradition, strengthens the territorial identity of the community and draws attention to the urgency of environmental issues.

Keywords: Iconographic analysis; Handmade products; Braided Tupinambá; Environmental Conservation; Massarandupió.

RESUMEN

En este artículo presentamos los resultados de una investigación realizada en la comunidad de Massarandupió, en el municipio de Entre Ríos (BA), cuyo objetivo fue realizar un análisis iconográfico de las artesanías producidas en la comunidad. Con base en investigaciones y observaciones realizadas en la Associação das Artesãs de Massarandupió (ADAM), el estudio reveló cómo los artesanos representan la naturaleza (fauna y flora) y contribuyen a la conservación ambiental de especies en peligro de extinción, en artefactos tejidos con piaçava de Bahia. En la contemporaneidad, representan una forma de resistencia -tanto al mundo globalizado como a los conflictos ambientales-, son protagonistas de un oficio ancestral, que se originó con los indios Tupinambás, técnica única en el mundo. Trazando nuevos caminos para la artesanía tradicional, con la representación de la biodiversidad, las enseñanzas milenarias y los secretos de la artesanía secular se mezclan en un proceso de hibridación cultural que asocia elementos empíricos como la ancestralidad, el conocimiento tradicional y la oralidad, y establecen un diálogo -a veces conflictual - entre la tradición, el medio ambiente y la globalización. Se utilizaron procedimientos metodológicos específicos para cada fase del estudio. Como resultado, las representaciones iconográficas identificadas en las artesanías del pueblo se dieron en tres grupos distintos de fauna y flora, recogidos en el Protocolo de Investigación del Documento Iconográfico (PDDI), cuando se llegó al grupo de las ocho imágenes más representativas: el grupo de las Cactáceas. (flora), y la representación de la fauna por parte de los grupos Squamata (serpientes y lagartijas) y Testudines (tortugas, galápagos y galápagos). En todos los grupos representados se evidenció la estrecha relación entre los artesanos y los animales que componen la fauna y flora de la región. Finalmente, concluimos que los artesanos viven y transmiten su legado cultural, preservan el medio ambiente y mantienen vivas las tradiciones y memorias ancestrales del oficio. En el contexto local, la artesanía se actualiza en un proceso continuo, resiste y se reinventa en nuevos símbolos y significados contemporáneos, establece conexiones y preocupaciones con el futuro, trata de conjurar la amenaza de la desaparición de la tradición, fortalece la identidad territorial de la comunidad y llama la atención sobre la urgencia de los problemas ambientales.

Palabras llave: Análisis iconográfico; Productos hechos a mano; Tupinambá trenzado; Conservación del medio ambiente; Massarandupió.

2.1 INTRODUÇÃO

As questões socioambientais, culturais, territoriais e simbólicas estão intrinsecamente associadas ao artesanato e são o fio-condutor para analisar a produção artesanal e a participação dos sujeitos sociais –artesãos – nos contextos social e ambiental proposto nesta pesquisa. Na vila de Massarandupió⁴, localizada no município de Entre Rios (BA), buscou-se as contribuições desses sujeitos para a manutenção das tradições na prática do artesanato, a utilização dos recursos naturais utilizados na sua produção, como a fibra da piaçava da Bahia (*Attalea funifera Martius*)⁵ e, conseqüentemente, a representação imagética que se faz da biodiversidade por meio desses artefatos.

A partir da apropriação dos pressupostos teórico-metodológicos neste estudo, buscou-se o entendimento sobre a iconografia do artesanato e a sua contribuição para propor e estimular reflexões sobre temas contemporâneos atuais, globais e urgentes, como a relação entre ser humano *versus* natureza, com foco na conservação ambiental das espécies endêmicas ameaçadas e/ou em risco de extinção. Para conduzir a análise, foram avaliados elementos empíricos como tradição, ancestralidade e oralidade na vila de, no município de Entre Rios, na Bahia.

O artesanato acompanha a humanidade desde os primórdios (LIMA, 2011). De acordo com Chiti (2003), estes objetos resistiram ao tempo e testemunharam a evolução humana desde o período neolítico (6.000 a.C.), quando a matéria-prima encontrada na natureza era transformada em artefatos utilitários, ainda rudimentares. Estes objetos contribuíram para romper dificuldades e barreiras naturais impostas num mundo “não industrializado”, facilitando as atividades humanas diárias. Entre os objetos confeccionados á época, estavam utensílios como cestos e artefatos de pedra ou barro, e as vestimentas, tecidas com fibras naturais ou peles de animais.

⁴ Inserida na Área de Proteção Ambiental (APA) Litoral Norte, a comunidade tem no artesanato uma das suas principais tradições, que ocupa e empodera as mulheres, gerando ocupação, renda e reconhecimento. O cenário ressalta a importância da localidade para a conservação ambiental e a proteção das espécies ameaçadas de extinção⁴, sendo considerada um *hotspot* de biodiversidade.

⁵ A piaçava da Bahia (*Attalea funifera Martius*), conhecida popularmente como piaçaba ou piassava, uma espécie de palmeira com ocorrência na região, é a matéria-prima utilizada para dar formas diversas aos objetos, da qual também podem ser extraídas as fibras para beneficiamento e uso na produção do artesanato, além do palmito, utilizado na culinária, além das folhas, que servem para cobrir quiosques e barracas de praia.

Nos dias atuais, o artesanato pode ser considerado como um elemento social transformador – de acordo com a fonte de inspiração, o material utilizado e as formas de produção – ao representar a cultura e suas manifestações em objetos concretos, com valores simbólicos e territoriais únicos. Adam (1947) acrescenta que o artesanato também pode ser representado por signos universais: figuras humanas ou religiosas, imagens da natureza, pinturas corporais e peças utilitárias, itens que figuram entre as principais representações simbólicas do artesanato na atualidade.

No Brasil, o artesanato uniu heranças culturais de três povos distintos: indígenas, africanos e europeus, com influências que se manifestam tanto nas matérias-primas quanto nas técnicas utilizadas em sua produção. Segundo Pereira (1979), dos índios herdamos a coletividade e o respeito à matéria-prima, com a confecção de objetos em palha e barro, e o utilitarismo das peças. Os africanos contribuíram com a cerâmica cozida (utilizada até os dias de hoje) e, junto com os indígenas, estabeleceram uma associação entre o artesanato e o respeito à natureza. Já os europeus trouxeram os bordados e rendas, técnicas bem adaptadas ao estilo brasileiro.

Em algumas regiões do Brasil, a identidade expressa pelo artesanato ganha expressões simbólicas e territoriais marcantes, como acontece na vila de Massarandupió, e aparenta estar próxima da identidade cultural e simbólica local, com a produção do artesanato a partir da técnica conhecida como trançado Tupinambá⁶, principal característica da região estudada. Em outras regiões, essa identidade não fica tão evidenciada com os artefatos produzidos, que numa análise superficial, não demonstra relação com o território. Bons exemplos são os artesanatos indígenas, produzidos por comunidades tradicionais na região Norte do Brasil (PEREIRA, 1979).

De acordo com Veiga (2005), o artesanato produzido a partir da fibra de Piaçava possui origem indígena, denominado Trançado Tupinambá. A técnica, única no mundo, representa uma característica da região onde está inserida a vila de Massarandupió, que tem na sustentabilidade do artesanato um dos seus pilares.

O artesanato de palha de piaçava tem suas origens nos antepassados indígenas das comunidades e, atualmente, tem importância significativa para a economia local dos povoados do entorno do Complexo Turístico de Saiúpe, por ser a principal ocupação e geração de renda de inúmeras mulheres. Por essa ligação histórica e cultural indígena da piaçava, o trançado principal

⁶A técnica representa uma característica marcante da região onde está inserida a vila de Massarandupió, que tradicionalmente produz o artesanato, considerado um dos seus pilares para as artesãs da vila.

confeccionado pelas artesãs é chamado de “Trançado Tupinambá”. Ressalta-se que este tipo de trançado é único no mundo. (DANTAS, 2009, p. 72)

A Bahia, território miscigenado e culturalmente diverso, contribuiu para a construção de uma identidade cultural plural. Essa característica é expressa por diversas formas, inclusive pelo artesanato. Buscamos argumentos em Adam (1947) e Colombres (1997), que refletem sobre o artesanato na perspectiva do artesão, que é carregada de subjetividades e sentimentos de pertencimento ao território. A multiplicidade de imagens dos produtos artesanais está inserida num contexto sociocultural, territorial e ambiental específico, traduzindo características da localidade, na forma de produção e na matéria-prima utilizada, características percebidas no artesanato de Massarandupió.

Os objetos artesanais unem a representação simbólica de cada artesã/artesão à diversidade cultural e ambiental do território no qual está inserido, dando lugar a um produto único, composto por diferentes técnicas, influências, materiais e expressões. Também retratam cenas históricas do cotidiano ou de exaltação à biodiversidade. É neste momento que o artesanato ganha formas diversas: utensílios, objetos lúdicos e decorativos, adereços, ferramentas ou vestimentas, além de contribuir, de forma efetiva, para a formação cultural e identitária de uma comunidade.

O método iconográfico, a partir da conceituação proposta por Erwin Panofsky (2012), foi aplicado na análise do objeto: o artesanato produzido por comunidades tradicionais, na vila de Massarandupió (BA). Ao associar categorias de análise sobre produtos artesanais, recursos naturais e iconografia, numa perspectiva socioambiental, buscou-se conhecer os artefatos produzidos, as representações simbólicas contidas nestes objetos e observar como ocorre a utilização dos recursos naturais nesta produção.

Após o processo da escolha metodológica, foi possível conhecer os principais aspectos iconográficos dos artefatos produzidos e suas características, representações simbólicas e matérias-primas utilizadas. Identificou-se, no contexto analisado, um viés que contribui para a conservação ambiental: a representação e divulgação das espécies endêmicas da fauna e flora, algumas em risco e/ou ameaçadas de extinção, com destaque para a herpetofauna⁷ e a flora da Mata Atlântica e restinga.

⁷ De acordo com Tinoco (2019), a herpetofauna pode ser definida como o conjunto de anfíbios (sapos, rãs, pererecas e jias) e “répteis” (serpentes, lagartos, cágados, jabutis, jacarés e tartarugas) que compõe a fauna de uma região.

Buscou-se estabelecer um marco para o artesanato, além de conhecer as espécies endêmicas representadas que, conseqüentemente, estimulam a sua proteção e conservação. Bons exemplos nesta perspectiva são o Projeto Tartarugas Marinhas (Projeto Tamar)⁸, com sede no município de Mata de São João, em Praia do Forte (BA), que atua com ações de conservação das tartarugas marinhas.

Ações semelhantes, que promovem a conservação de espécies ameaçadas, ocorrem com o Projeto Calango do Abaeté⁹ (Figura 1) e estimulam a proteção do *Glaucomastix abaetensis*. Descrita pela ciência em 2002, a espécie, de acordo com Tinoco (2019), tem ocorrência no Litoral Norte da Bahia, em áreas de restinga e dunas de areia branca, e está ameaçada de extinção.

Figura 1 – Calango do Abaeté



Fonte: Moacir Tinoco (arquivo pessoal)

Atualmente a espécie integra a lista nacional e estadual de espécies ameaçadas, porém, não é listada pela União Internacional para Conservação da Natureza (UICN). Na comunidade de Massarandupió, o calango do Abaeté, conhecido como “calanguinho”, e as tartarugas marinhas, ganharam representação iconográfica pelo artesanato e servem como ferramenta para ações de conservação ambiental. Os

⁸ O Projeto Tamar, com sede em Praia do Forte, na Bahia, foi fundado em 1980 e é um dos principais pontos de atração da Costa dos Coqueiros. É reconhecido internacionalmente como uma das mais bem-sucedidas experiências de conservação marinha, sobretudo por envolver as comunidades costeiras no trabalho socioambiental. A missão do projeto é realizar pesquisa, conservação e manejo das cinco espécies de tartarugas marinhas que ocorrem no Brasil, todas ameaçadas de extinção, protegendo cerca de 1.100 km de praias, em 26 localidades, nas áreas de alimentação, desova, crescimento e descanso desses animais, no litoral e em ilhas oceânicas, em nove Estados brasileiros. (SEBRAE, 2018, p. 77)

⁹ Genuinamente baiano, o Calango do Abaeté (*Glaucomastix abaetensis*), descoberto na mística lagoa de mesmo nome, em Salvador, é uma espécie que está ameaçada de extinção. Com sete cores e cauda verde-azulado brilhante, o calango foi descrito pela ciência apenas em 2002 e ainda pode ser encontrado em Salvador e no Litoral Norte da Bahia, em áreas de restinga. [...] Caso seja extinto na capital, restariam apenas em quatro municípios: Camaçari, Mata de São João, Entre Rios e Esplanada. (SALES, 2019)

principais fatores que ameaçam a espécie na atualidade, conforme Silva e Tinocô (2019), são listados abaixo no Quadro 1:

Quadro 1 – Fatores de risco que ameaçam o Calango do Abaeté

Impacto	Fator de Impacto	%
1	Supressão de habitat	80
2	Incêndios	100
3	Extração ilegal de areia	100
4	Resíduos sólidos	100
5	Espécies invasoras	100
6	Contaminação do solo	80

Fonte: Silva e Tinoco (2019)

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2019) divulgou um relatório com dados preocupantes: dentro de algumas décadas, cerca de um milhão de espécies da fauna e flora correm risco de extinção, ou seja, 25% das espécies do planeta estão vulneráveis. O relatório alerta que a taxa é maior do que a média nos últimos 10 milhões de anos e evidencia a ação devastadora do homem sobre a natureza. Sem medidas eficientes para barrar esse cenário, a tendência é que haja uma aceleração no processo de extinção das espécies, o que torna urgente a adoção de medidas para deter este cenário.

Sobre as metodologias adotadas neste estudo, inicialmente foi necessário realizar uma revisão bibliográfica sobre o objeto, trazendo à luz da análise informações sobre as categorias de significado adotadas neste artigo, em fontes de pesquisa que incluíram consultas a documentos, catálogos, livros e artigos, em fontes diversas e de acesso livre. O passo seguinte consistiu na realização de observações *in loco*, seguida por entrevistas semiestruturadas.

A última etapa metodológica ocorreu com a aplicação do método iconográfico, que permitiu analisar o artesanato produzido na vila com a identificação de elementos de maior representatividade do artesanato na cultura local, além da construção de um banco de imagens, essencial para a análise iconográfica proposta. Assim, identificaram-se padrões e elementos que possibilitaram uma conceituação da identidade local a partir do artesanato.

As metodologias empregadas permitiram construir uma “leitura” iconográfica dos produtos artesanais de Massarandupió, seus principais elementos e posterior interpretação dos resultados. Desta forma, foi possível agrupar e categorizar as imagens produzidas em temas similares, com foco na identificação de elementos visuais e conceituais, priorizando os temas que se repetiam nos artefatos. Por fim, o método

iconográfico permitiu reconhecer a mensagem global encontrada na representação do artesanato de Massarandupió: a preocupação com a natureza, com o desaparecimento da tradição ancestral do fazer e saber-fazer artesanal e, especialmente, com a proteção e conservação ambiental das espécies ameaçadas retratadas.

As fibras e os fios naturais, utilizados como matéria-prima, são encontrados nas matas da região, no entorno da vila, onde o extrativismo é praticado pelas artesãs. Extraída da piaçava da Bahia (*Attalea funifera Martius*), a fibra que serve para o trançado passa por um processo de beneficiamento. Já os fios, utilizados para costurar o trançado, são coletados da fibra do licuri (*Syagrus coronata*), produto natural resistente, que as artesãs chamam de “linho”. Dentre a variedade dos objetos produzidos, identificou-se no artesanato temático a principal representação da natureza.

Este artigo integra a dissertação denominada “A Iconografia do Artesanato: O Uso dos Recursos Naturais como Ferramenta para a Conservação da Biodiversidade do Litoral Norte da Bahia”. O que se buscou, no contexto geral, foi o entendimento sobre a representação do artesanato e como estes objetos podem contribuir para propor reflexões atuais, que vão desde a relação do ser humano com a natureza, os cuidados e a proteção com o meio ambiente, a conservação da biodiversidade até a representação das espécies endêmicas.

O objetivo geral deste estudo, portanto, é assim descrito:

- Conhecer e classificar o artesanato produzido na vila de Massarandupió, no Litoral Norte da Bahia, a partir da utilização dos recursos naturais da Mata Atlântica, sob a ótica da iconografia, com foco na representação das espécies endêmicas em risco e/ou ameaçadas de extinção.

Para chegar ao objetivo geral, definiu-se como objetivo específico a seguinte abordagem:

- Realizar um levantamento iconográfico do artesanato produzido, com vistas a conhecer como ocorre a representação e divulgação das espécies endêmicas (fauna e flora) em risco e/ou ameaçadas de extinção.

Identificou-se nas representações iconográficas, grupos endêmicos da flora e fauna, com destaque para os grupos *Squamata e Testudines*, e as *Cactáceas*. Em todos os grupos representados pelo artesanato, ficou evidenciada a relação próxima e respeitosa das artesãs com a natureza, em especial com os animais que compõem a

fauna, em especial a herpetofauna, e a flora da região, como as serpentes, o calango do Abaeté, tartarugas marinhas, cágados, jabutis e as flores de cactos.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

O meio ambiente, as questões socioambientais, a cultura e as representações por imagens estão intrinsecamente associadas ao artesanato e surgem como elementos complementares para a participação dos sujeitos sociais – artesãs – neste contexto. Neste percurso teórico, recorreu-se a algumas contribuições na perspectiva das seguintes categorias de análise: artesanato, iconografia, meio ambiente e conservação ambiental. Buscou-se também associar elementos empíricos como a relação das artesãs com a natureza, o território, as tradições, a ancestralidade e a oralidade.

Caracterizar o artesanato a partir de variados olhares, em perspectivas contemporâneas diversas, tornou-se essencial. A atividade artesanal, de acordo com o Conselho Mundial do Artesanato (WCC, 2012), corresponde a toda produção que resulta em objetos acabados, confeccionados com as mãos ou com o auxílio de meios tradicionais ou rudimentares em seu fazer. A habilidade manual e a criatividade são descritas como qualidades essenciais, inerentes ao artesão, além do caráter cultural e simbólico, o que torna estas peças significativas também no contexto social.

Esta conceituação do termo se assemelha à definição da UNESCO (1997), que vai incluir, ainda, a preocupação com a utilização dos recursos naturais sustentáveis. Também ganha destaque a preocupação com a origem da matéria-prima utilizada.

Produtos artesanais são aqueles confeccionados por artesãos, seja totalmente a mão, com o uso de ferramentas ou até mesmo por meios mecânicos, desde que a contribuição direta manual do artesão permaneça como o componente mais substancial do produto acabado. Essas peças são produzidas sem restrição em termos de quantidade e com o uso de matérias-primas de recursos sustentáveis. A natureza especial dos produtos artesanais deriva de suas características distintas, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, de caráter cultural e simbólicas e significativas do ponto de vista social. (UNESCO, 1997, apud BORGES, 2012: p. 21)

A portaria nº 1.007/2018, do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, apresenta a base conceitual do artesanato brasileiro e traz a seguinte definição:

Artesanato é toda produção resultante da transformação de matérias-primas em estado natural ou manufaturada, através do emprego de técnicas de produção artesanal, que expresse criatividade, identidade cultural, habilidade

e qualidade. (BRASIL, 2018).

A partir das conceituações incorporadas neste estudo (WCC, 2012; UNESCO, 1997; BRASIL, 2018), percebe-se a necessidade de incluir, na produção artesanal, a sustentabilidade a partir da utilização de recursos naturais renováveis. No contexto internacional, o Conselho Mundial do Artesanato – WCC (2012) e a UNESCO (1997) reforçam essa característica do fazer artesanal, endossada pela portaria nº 1.007/2018. Ou seja, é essencial valorizar a representação simbólica e as matérias-primas locais para que se mantenham as tradições e a originalidade onde estes objetos são produzidos.

Adam (1947) e Colombres (1997) argumentam que o artesanato, carregado de subjetividade, surge como um elemento com potencial transformador social. Os autores também consideram que a fonte de inspiração dos artesãos na produção dos artefatos, o material utilizado e as formas de se produzir, servem de veículo para representar a cultura e suas manifestações em objetos concretos, de valores simbólicos.

As reflexões apontam para uma característica marcante da atividade artesanal: a representação cultural do território onde o objeto foi produzido, característica defendida por Adam (1947), Colombres (1997) e Canclini (1983). Adam (1947) acrescenta que tais objetos podem materializar signos universais, inspirados na cultura local: figuras humanas ou religiosas, imagens da natureza, pinturas corporais e peças utilitárias. Enquanto Canclini (1983) defende que, assim como uma manifestação cultural e econômica, o artesanato é carregado de elementos históricos e estruturais da localidade em que foi produzido, resultando, assim, num produto com aspecto híbrido.

As discussões propostas permitem lançar um olhar sobre o artesanato brasileiro, que carrega heranças culturais dos povos indígenas, africanos e europeus, que influenciam na matéria-prima e técnica utilizadas. Segundo Pereira (1979), dos índios herdamos a coletividade e o respeito à matéria-prima, com a confecção de objetos em barro e palha, além do utilitarismo das peças. Os africanos trouxeram a cerâmica cozida e a associação dos produtos artesanais, ambos com forte respeito à natureza. Já os europeus contribuíram com os bordados e rendas, adaptados ao contexto brasileiro.

A Bahia, território miscigenado e diverso culturalmente, carrega em sua construção identitária uma pluralidade cultural que também ganha expressão no artesanato e nas suas diversas formas de representação cultural e simbólica.

A Bahia tem o enorme privilégio de reunir, em seu celeiro artesanal, expressões soberanas de identidade, estética, sabores, cultura, ritmos,

sobretudo de fé. Uma fé não apenas de cunho religioso, mas uma fé impregnada no fazer, permitindo que cada peça criada registre emoção e simplicidade. Manter viva a preservação do patrimônio cultural, material e imaterial, legitima a importância do artista-artesão para com sua arte. (SEBRAE, 2018, p. 21)

A vila de Massarandupió, região geográfica onde este estudo foi realizado, está localizada na porção costeira do município de Entre Rios (BA), distante cerca de 120 quilômetros da capital do Estado, Salvador. Dados do IBGE (2019) indicam que a região está sob o domínio do bioma Mata Atlântica, com ecossistemas associados. De acordo com o último senso (SOUZA, 2011), a vila possui uma população estimada em 565 habitantes. A economia local baseia-se na pesca e produção do artesanato.

O artesanato de palha de piaçava tem suas origens nos antepassados indígenas das comunidades e, atualmente, tem importância significativa para a economia local dos povoados do entorno do Complexo Turístico de Sauípe, por ser a principal ocupação e geração de renda de inúmeras mulheres. Por essa ligação histórica e cultural indígena da piaçava, o trançado principal confeccionado pelas artesãs é chamado de “Trançado Tupinambá”. Ressalta-se que este tipo de trançado é único no mundo (DANTAS, 2009, p. 72).

De acordo com Veiga (2005), o artesanato de Massarandupió possui origem indígena, denominado Trançado Tupinambá. A técnica, única no mundo, representa uma característica da região e foi mantida por sucessivas gerações. A piaçava da Bahia (*Attalea funifera Martius*), conhecida popularmente como piaçaba ou piassava, uma espécie de palmeira com ocorrência na região, é a matéria-prima utilizada para dar formas diversas aos objetos, da qual também podem ser extraídas as fibras para beneficiamento e uso na produção do artesanato, além do palmito, utilizado na culinária, além das folhas, que servem para cobrir quiosques e barracas de praia.

O artesanato com foco na sustentabilidade é uma modalidade que tem como estratégia a preservação do meio ambiente por meio do manejo sustentável dos recursos naturais, de forma que respeite e mantenha viva a continuidade da matéria-prima oferecida pela natureza e pelos biomas de cada região da Bahia (SEBRAE, 2019).

Inserida na Área de Proteção Ambiental (APA) Litoral Norte (SOUZA, 2011), a vila tem no artesanato uma das suas principais tradições, que ocupa e empodera as mulheres, gerando renda e reconhecimento. O cenário ambiental já descrito, aliado ao manejo adequado da matéria-prima, ressaltam a importância da região para a

conservação ambiental e a proteção das espécies ameaçadas de extinção¹⁰, sendo considerada, de acordo com Tinoco (2019), um *hotspot* de biodiversidade.

Segundo Tinoco (2019), A região ainda preserva vegetação remanescente da Mata Atlântica, com restingas, manguezais, coqueirais, dunas, lagoas, riachos, cachoeiras e uma fauna e flora endêmicas, com espécies que só ocorrem na região. O cenário ressalta a importância da localidade para a conservação ambiental e proteção das espécies ameaçadas de extinção e estimulam uma produção artesanal sustentável, com foco também na conservação ambiental por meio da representação das espécies.

Entre as diversas relações que ocorrem em um ecossistema, está a conflituosa relação entre o ser humano e a natureza (BEGON et al., 2009). A sociobiodiversidade é caracterizada por uma dinâmica e complexa relação que se estabelece entre o ser humano e a natureza, mas também aparece como fator preponderante para o equilíbrio e a manutenção da biodiversidade no planeta (CAVALHEIRO et al., 2015).

O termo sociobiodiversidade também está associado ao conhecimento das comunidades tradicionais, logo, o artesanato sustentável surge como produto deste contexto, onde aparecem os usos, práticas e apropriações que estas comunidades fazem dos recursos naturais. Por meio dos artefatos produzidos, propões reflexões e contribui para a conservação da natureza. Nesta dinâmica estão incluídas as relações com o meio ambiente e o território em que habitam, bem como as interações com a sociedade e o ambiente natural (DE CARVALHO & BERGAMASCO 2010).

A biodiversidade e os conhecimentos tradicionais, na perspectiva de Bertoldi e Baron (2014), são sistemas organizados, eficazes e complementares, ou seja, cultura e natureza estão associadas. E foi justamente esta relação, próxima e respeitosa junto à natureza, que foi percebida na comunidade estudada. Mesmo com a prática extrativista, os recursos naturais utilizados como matéria-prima são coletados de forma sustentável, respeitando o ciclo de crescimento das plantas e evitando o uso de produtos industrializados no processo produtivo.

¹⁰ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2019) divulgou um relatório com dados preocupantes: dentro de algumas décadas, cerca de 1 milhão de espécies da fauna e flora correm risco de extinção, ou seja, 25% das espécies do planeta estão vulneráveis. O relatório alerta que a taxa é maior do que a média nos últimos 10 milhões de anos e evidencia a ação devastadora do homem sobre a natureza. Sem medidas eficientes para barrar esse cenário, a tendência é que haja uma aceleração no processo de extinção das espécies.

Partindo para o campo das representações de imagens pelo artesanato, este estudo apoiou-se nas contribuições do pesquisador Erwin Panofsky (1892-1968)¹¹, que sintetizou as discussões da Escola de Warburg sobre obras de arte e seus conteúdos (implícitos ou explícitos) ao inaugurar os termos iconografia e iconologia. O método, que em sua origem era aplicado apenas às obras de arte, prevê três níveis de interpretações das imagens, segundo o próprio Panofsky (2012, p. 50): o nível pré-iconográfico, a iconografia e a iconologia.

O primeiro nível, que é a descrição pré-iconográfica (natural), é o que se busca na análise, são os eventos presentes na imagem, a sua forma pura, ou seja, o significado primário e aparente. O segundo nível, que é a iconografia propriamente dita, busca o significado secundário ou convencional ao tentar estabelecer uma inter-relação entre a imagem e os seus conceitos implícitos. Já o terceiro e último nível, a iconologia, pretende encontrar nas imagens os valores simbólicos e o significado intrínseco do seu conteúdo. No Quadro 2, apresentamos os conceitos de iconografia e iconologia.

Quadro 2 – Principais diferenças entre Iconografia e Iconologia

Iconografia	Iconologia
Atua no campo descritivo	Atua no campo interpretativo
Refere-se à segunda realidade	Remete à primeira realidade
Explícito ou visível	Implícito ou invisível
Significado convencional	Significado intrínseco ou conteúdo
Imagem com assuntos e conceitos	Interpretação dos valores simbólicos
Coleta e classifica a evidência	Investiga a gênese
Reconstitui os elementos visíveis	Recupera as informações invisíveis
Dimensão histórica	Dimensão cultural e ideológica

Fonte: Adaptado de Panofsky (2012)

Sendo assim, a análise iconográfica, que foi aplicada ao artesanato de Massarandupió, é um instrumento para a descrição, interpretação e classificação de imagens, cujo intuito primordial é a busca pelo significado das obras ou objetos analisados. As contribuições de Panofsky, endossadas por Fronza e Buonano (2017), serviram para aproximar a pesquisa do objeto em estudo e compreender, a partir de um

¹¹ Dos iconografistas empenhados em desvendar o conteúdo implícito das obras de arte, nos apoiamos nas teorias de Erwin Panofsky, que sintetizou seus estudos em um famoso artigo, intitulado *Iconografia e Iconologia: uma introdução ao estudo da arte da renascença*. Além dos seus estudos sobre história da arte, o autor é referência nas questões referentes à arte ou imagem e das relações entre a cultura, sociedade e arte.

cenário local, qual ou quais eram as manifestações imagéticas do artesanato produzido em Massarandupió, com destaque para a representação da biodiversidade.

Cada país, região e estado, tem suas particularidades que são simbolizadas por ícones que as identificam facilmente e traduzem sua identidade cultural. O desafio de realizar um levantamento iconográfico está no ato de reunir esses aspectos no artesanato, que identificam e caracterizam um povo no seu modo de viver e ser, sem estereotipar ou banalizar (FRONZA E BUONANO, 2017, p. 11).

A iconografia, portanto, é uma metodologia de análise descritiva, pois “coleta e classifica a evidência, mas não se considera obrigada ou capacitada a investigar a gênese” (Panofsky, 2012, p.53). A partir do levantamento das imagens, buscou-se identificar, por meio deste método, as evidências na representação das imagens. Percebeu-se, neste ponto, que o próprio trançado Tupinambá, característico da vila, constitui-se num elemento cultural e iconográfico único, com técnicas ancestrais guardadas, reproduzidas e divulgadas pelas artesãs da comunidade nos dias atuais.

Por mais que seu estudo seja focado na história da arte, é possível aplicar sua teoria no objeto artesanal [...]. Uma vez que o artesanato, assim como o objeto de arte, é dotado de formas, cores, grafismos e significados num determinado contexto sociocultural. (FRONZA E BUONANO, 2017, p. 11).

Ao resistirem ao mundo globalizado, as artesãs de Massarandupió tecem e materializam objetos, mantêm vivas as tradições e memórias do ofício secular, uma herança cultural dos povos indígenas que habitaram a região no passado, e deixam marcadas a relevância da técnica ancestral, que contribuiu para a manutenção das relações sociais, culturais e ambientais. A identidade cultural do território, a apropriação da natureza, a preocupação com a sustentabilidade, o manejo da matéria-prima e a conservação ambiental foram conceitos essenciais para conhecer as peculiaridades, dificuldades e os modos de produção artesanal do lugar.

Morar aqui é a melhor coisa que existe. É tranquilo, a gente conhece todo mundo, pode ficar perto da natureza e fazer o nosso trabalho com a piaçava. Tem o artesanato, tem a natureza, a pesca, os rios, a praia, as dunas. [...] Antes a gente não andava muito pra pegar a piaçava pra fazer o artesanato, sabe? Tudo era aqui em Massarandupió, a piaçava, o licuri, a tintura pra tingir a palha. Hoje não tem mais piaçava que preste aqui por perto e a gente tem que andar muito pra conseguir uma boa, com qualidade pra fazer o artesanato. Quem não consegue, compra, mas aí diminui o lucro, que já é pouco e as pessoas não valorizam muito. Na verdade, muita área daqui já foi desmatada pelo eucalipto, que acaba com tudo.

Historicamente habitante da vila, a fala da artesã evidencia o sentimento de pertencimento ao território, de como ela valoriza o ofício e como estabelece a sua

relação com a natureza, mas também reflete sobre as incertezas na continuidade do ofício, como a escassez da matéria-prima principal. Neste aspecto, este estudo aproximou-se do pensamento de Barroso (1999) ao destacar a importância da valorização da cultura material.

Desenvolver novos produtos artesanais de referência cultural significa valer-se de elementos que reportem o produto a seu lugar de origem, seja através do uso de certas matérias-primas ou técnicas de produção típicas da região, seja pelo uso de elementos simbólicos que façam explícita menção às origens de seus produtores ou de seus antepassados (BARROSO, 1999 apud MASCÊNE; TEDESCHI, 2012, p. 30).

Para consolidação e valorização dos trabalhos artesanais, é preciso conhecer e reconhecer os valores culturais, ambientais, simbólicos, iconográficos e as relações que se estabelecem entre a comunidade e o território, sobretudo por sua relevância para a comunidade, tratando-se de uma marca da identidade territorial e singularidade local. As práticas das artesãs de Massarandupió são definidas assim por Sales (2020):

[...] representam uma forma de resistência ao mundo globalizado e ao conceito de desenvolvimento baseado na economia, são protagonistas do patrimônio cultural imaterial baiano. Elas detêm, transmitem e socializam conhecimentos tradicionais do fazer com as mãos, transmitidos por sucessivas gerações. São saberes trançados em práticas [...] não sistematizadas, mas com forte poder transformador de transmitir saberes ancestrais, como o respeito às questões ambientais (Sales, 2020).

Sobre o artesanato de Massarandupió, é possível inferir que a sua produção ou comercialização vai além da perspectiva econômica e da troca material, ou seja, encontra perspectivas nas vivências estabelecidas no território. E é justamente este sentimento de pertencimento que se percebeu entre as artesãs da vila, sob a ótica territorial: “[...] estamos longe de concepções que o compreendem como sinônimo de espaço ou espacialidade, ou como simplesmente “fonte de recursos” disputados [...] de elementar ‘apropriação da natureza’”, (PIETRAFESA, 2014, p.10).

O percurso histórico do artesanato contempla, por exemplo, a sua relação de proximidade com as dinâmicas sociais, os modos de vida, cultura e natureza, encontra relação com os conceitos de territorialidade. O território onde os artefatos são produzidos, portanto, são a base desta dinâmica produtiva: “[...] O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi” (SANTOS, 2000, p. 96).

O território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, circulamos, moramos, mas também um dado simbólico. A linguagem regional faz parte desse mundo de símbolos, e ajuda a criar esse amálgama, sem o qual não se pode falar de territorialidade

(Santos, 1994, p. 61).

E é no território onde toda a dinâmica das relações sociais acontece, como considera Sposito (2009):

Os territórios constituem o mundo material percebido e se tornam a “matéria-prima” oferecida à imaginação, para ser “trabalhada” e produzir imagens ou representações que podem ser manifestadas através de diversos tipos de linguagem: a língua natural para uma representação literária, a linguagem gráfica para o desenho e pintura, a linguagem plástica para a escultura, a linguagem sonora para uma representação musical, as diversas linguagens, simbólicas, lógico-formais e/ou matemáticas (SPOSITO, 2009, p. 33).

Avançamos, portanto, na construção do conceito de territorialidade:

Territorialidades, como processos de construção de territórios, recobrem, pois, ao menos dois conteúdos diferentes: de um lado, a ligação a lugares precisos, resultado de um longo investimento material e simbólico e que se exprime por um sistema de representações, e, de outro lado, os princípios de organização – a distribuição e os arranjos dos lugares de morada, de trabalho, de celebrações, as hierarquias sociais, as relações com os grupos vizinhos. (PIETRAFESA, 2014, p. 10).

De acordo com Haesbaert (2021), as diversas dimensões do território (vivas, praticadas e experienciadas), são abordadas por Milton Santos em “Brasil: território e sociedade no início do século XXI” (Santos e Silveira, 2001), no qual ele afirma o seguinte:

Por território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada. Mas o sentido da palavra territorialidade como sinônimo de pertencer àquilo que nos pertence... esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana e prescinde da existência do Estado. [...] Mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos, é privilégio dos homens. (Santos e Silveira, 2001).

Outra questão se impõe na perspectiva deste estudo é a construção identitária. Ortiz (1994, p. 8) afirma: “não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos”. A partir da constatação de que identidade sugere uma padronização, afirma-se que elas são continuamente construídas e/ou reconstruídas, num processo constante. Buscou-se compreender no artesanato as suas múltiplas identidades, como fazem as artesãs de Massarandupió, ao retratar e/ou denunciar, pelo artesanato, as ameaças ambientais e os conflitos territoriais existentes.

O processo de construção da identidade de uma comunidade como a de Massarandupió pode ser considerado como uma estratégia de valorização territorial produtiva (FLORES, 2006). A construção da identidade territorial dá voz aos sujeitos

envolvidos, serve como afirmação do grupo e, em certa medida, garante singularidade e continuidade diante de outros grupos (CUNHA, 1986). Pode-se inferir, portanto, que artesanato é um objeto de interpretação ou de reinterpretação da história do território e, conseqüentemente, de um grupo, a partir das relações que existem e coexistem ali.

Portanto, há complexidade e heterogeneidade nos/dos territórios, internamente e entre eles, substantivadas a partir das relações natureza-sociedade. As atuais relações de poder, no modo capitalista de produção, precisam ser apreendidas e reordenadas; as identidades e os patrimônios culturais, estudados, valorizados e preservados; as redes, por sua vez, precisam ser adequadas para facilitar a cooperação e a solidariedade entre os habitantes do campo e da cidade. (SAQUET, 2018, p. 483).

Canclini (1983, p. 140) considera que as dimensões simbólicas não devem ser limitadas ou isoladas. A manutenção da atividade artesanal é fator importante para a preservação das tradições culturais e territoriais, porém, o aspecto econômico impõe a industrialização e a mercantilização da atividade, fato que pode estimular o apagamento dos padrões culturais e de identidade dos artesãos. Para Yúdice (2006), as polaridades existentes entre as dimensões simbólicas e econômicas precisam ser superadas para que o artesanato ocupe um lugar de valorização enquanto expressão cultural.

O artesanato vai além do design, da técnica de produção ou do material utilizado (Canclini, 1983). Artesanato é um bem carregado de sentidos e, para apreender estes sentidos, é necessário entrar em profunda conexão com as práticas sociais dos artesãos, que produz e comercializa, e com quem observa e compra estes artefatos (CANCLINI, 1983). O artesanato expressa as experiências das artesãs, que contribuem para uma identidade cultural e territorial em Massarandupió, portanto, é essencial a associação entre artesanato com a organização socioespacial do território.

As contribuições aqui referenciadas serviram para nos aproximar do objeto e entender o seu panorama no cenário local, suas manifestações, práticas e saberes, que unem representações culturais e territoriais em torno do objeto. Após entrevistas com grupos de artesãs da vila, historicamente habitantes do território, ficou evidenciado o sentimento de pertencimento ao território, como elas valorizam o ofício e buscam formas sustentáveis, na maior parte do processo, tanto na produção quanto na utilização dos recursos naturais utilizados.

2.3 MATERIAL E MÉTODOS

A relevância que emerge deste estudo pode ser demonstrada por alguns aspectos, seja na tradição da atividade artesanal percebida no território, no manejo adequado da matéria-prima coletada na natureza, na iconografia identificada nos artefatos produzidos, na história oral retratada e na própria técnica ancestral utilizada. A representação da biodiversidade – fauna e flora da restinga – ficou evidenciada pela metodologia adotada, sobretudo após as pesquisas de campo e análise iconográfica.

Sobre as ferramentas metodológicas utilizadas, detalhamos: pesquisa bibliográfica – com revisão de literatura em artigos científicos, trabalhos acadêmicos e técnicos –, pesquisa de campo, visitas *in loco*, observação direta e participante, entrevista semiestruturada, registro de imagens e análise iconográfica. Os trabalhos foram iniciados após autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Católica do Salvador (UCSal), com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 25440619.9.0000.5628 (Apêndice 01).

Utilizamos metodologias específicas para cada fase do estudo. Na pesquisa e revisão bibliográfica, utilizou-se os bancos de dados do Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica do Salvador (UCSal), Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBiUSP), Web of Science, SciELO, portal de Periódicos da CAPES e Google Acadêmico. A história oral foi praticada em acordo com BONI e QUARESMA (2005), a leitura das imagens fotográfica conforme Zanirato (2005), a análise de conteúdo dos documentos oficiais apoiada em Laurence Bardin (1977) e a análise iconográfica a partir de Panofsky (2011).

A importância de um planejamento metodológico cuidadoso é crucial para que a pesquisa atinja os seus objetivos e apresente resultados satisfatórios da investigação, como acentua Lubisco (2019, p. 58): “A finalidade de uma metodologia [...] é evidenciar o caminho que levou aos resultados e ao cumprimento dos objetivos, de modo que ela possa ser replicada”.

A pesquisa exploratória, de acordo com Alves (2003), identifica os principais fatores que compõem um estudo. Sendo assim, explorou-se o artesanato de Massarandupió e as suas principais representações iconográficas, no levantamento da produção artesanal local. As imagens fotográficas foram utilizadas como *corpus* da pesquisa, figurando como suporte fundamental para a realização das análises propostas.

Para retratar o artesanato de Massarandupió em imagens, a fotografia também foi utilizada como método e serviram, sobretudo, para documentar o contexto produtivo local e suas representações simbólicas, além de permitir um novo sobre os produtos.

[...] imagens fotográficas retratam a história visual de uma sociedade, documentam situações, estilos de vida, gestos, atores sociais e rituais, e aprofundam a compreensão da cultura material, sua iconografia e suas transformações ao longo do tempo (BITTENCOURT, 1998, p.199).

A fotografia, conforme Zanirato (2005), representa “um recorte de nosso meio espacial; que não se limita ao campo visual que vemos, mas que encerra uma experiência que transcende o imediato”. As imagens fotográficas aqui apresentadas buscaram adentrar num cenário metodológico específico, visual, descritivo e interpretativo. Buscamos estabelecer uma narrativa visual para demonstrar o ofício, a produção, as cores, a relação com a natureza e os modos de vida das artesãs de Massarandupió.

Para realizar a análise iconográfica das imagens, foi necessário identificar e compreender quais os elementos simbólicos, culturais e ambientais presentes nos artefatos produzidos na comunidade. Esta identificação foi realizada durante a pesquisa de campo e visitas *in loco* na Associação das Artesãs de Massarandupió (ADAM). Utilizou-se a observação direta e participante, entrevistas semiestruturadas e captação de imagens fotográficas. A metodologia possibilitou que se chegasse à etapa final e principal proposta deste artigo.

Figura 2 – Sede da Associação das Artesãs de Massarandupió (ADAM)



Fonte: autoria própria (2021)

Na Figura 2 é possível observar a fachada da associação, em primeiro plano, e ao fundo, a sede da ADAM. Fundada em agosto de 2003, localiza-se no Povoado de Massarandupió, rodovia 099, Km 92, Entre Rios (BA), a ADAM atualmente conta com 16 artesãs cadastradas em atividade e dispôs de toda a infraestrutura adequada para todas as etapas de produção do artesanato e área reservada para a exposição e comercialização dos artefatos. Na entrada do espaço, uma placa de inauguração traz as seguintes informações:

Este centro artesanal foi construído com recursos financeiros doados pela família Antonio Matutes Juan e tem como objetivo o fortalecimento do espírito associativista e da atividade artesanal nesta comunidade, manifestação genuína da riqueza cultural do seu povo e fonte geradora de renda para diversas famílias. A execução do projeto foi coordenada pela Associação das Artesãs de Massarandupió (ADAM) e pelo Instituto Imbassai. (ADAM, 2013).

A união das artesãs em torno de uma associação foi responsável por implementar transformações importantes para a organização da produção e a valorização do artesanato local, como a gestão coletiva e participativa, melhoria das relações interpessoais e possibilidade de acesso a outros mercados consumidores. Durante as entrevistas, foi possível observar que as artesãs valorizam a entidade e entendem a sua importância para a manutenção do ofício, seja por meio do planejamento administrativo e financeiro, controle da produção ou da comercialização do artesanato para o fortalecimento do grupo.

A estruturação do *corpus* da pesquisa buscou desenvolver um estudo qualitativo, com referências teóricas que pudessem explicar os resultados, os significados e as características das informações coletadas em campo. Para atender aos critérios de qualidade da pesquisa qualitativa, foram utilizados procedimentos de descrição, que auxiliaram no desenho do estudo e possibilitaram inserir as experiências vivenciadas, tornando os resultados mais realistas (CRESWELL, 2010).

2.3.1 Amostragem e coleta de dados

Ao buscar compreender a relação que se estabelece entre artesanato e meio ambiente, optou-se por realizar este estudo na comunidade de Massarandupió, distrito rural e costeiro do município de Entre Rios, na Bahia. O foco foi entrevistar as artesãs

com cadastro ativo na ADAM, que totalizou um universo populacional de 16 informantes, além de produzir um banco de imagens que possibilitasse a realização da análise iconográfica proposta. As atividades de campo foram realizadas nos meses de fevereiro, setembro, outubro e novembro de 2020, e janeiro de 2021. O intervalo entre as coletas de dados ocorreu devido às restrições sanitárias impostas pela pandemia causada pelo novo coronavírus (Covid-19).

Figura 3 – Entrada da Vila de Massarandupió, no município de Entre Rios (BA)



Fonte: autoria própria (2021)

A vila de Massarandupió é uma comunidade tranquila, com produção pujante e criativa de artesanato, atividade que mobiliza a comunidade em torno destes objetos, além de gerar ocupação e renda. É um território muitas vezes esquecido pelo poder público, com deficiência de serviços básicos e essenciais como o acesso universal à saúde, educação e saneamento básico. Na pacata região, pode-se observar o trabalho de uma artesã (Figura 3), que aproveita a sombra de uma mangueira para montar a sua estrutura de produção, exposição e comercialização do artesanato. A tranquilidade observada na vila só é interrompida pela presença de veículos, que indicam a chegada dos turistas e potenciais consumidores, que aproveitam a tranquilidade da vila para frequentar as praias da região, incluindo uma praia naturista.

As informantes entrevistadas para este estudo possuíam idades que variavam entre os 30 e 77 anos. Para todas as artesãs, foi lido e entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice 02), para entendimento do escopo da pesquisa e participação voluntária no estudo. Durante a análise dos dados

coletados, foi atribuído um código de identificação para cada informante (Quadro 3), garantindo o anonimato e a confidencialidade das fontes entrevistadas.

Quadro 3 – Categorização dos sujeitos da Pesquisa

Categoria do Sujeito	Código de Identificação
Artesã 1	A1
Artesã 2	A2
Artesã 3	A3
Artesã 4	A4
Artesã 5	A5
Artesã 6	A6
Artesã 7	A7
Artesã 8	A8
Artesã 9	A9
Artesã 10	A10
Artesã 11	A11
Artesã 12	A12
Artesã 13	A13
Artesã 14	A14
Artesã 15	A15
Presidenta da Associação e Artesã	PAA1

Fonte: O autor (2021)

2.3.2 Método de análise iconográfica

O levantamento iconográfico teve início ainda na pesquisa bibliográfica, com a coleta de imagens em fontes secundárias. O intuito foi conhecer o conteúdo das imagens representadas pelo artesanato e as suas principais referências. Fez-se necessário também uma observação dos modos de vida local, do patrimônio ambiental, das belezas naturais, da biodiversidade do território e da própria técnica utilizada no trançado Tupinambá. Nestas observações, buscou-se no artesanato as referências culturais e simbólicas que justificassem a análise iconográfica. Os itens destacados constituíram algumas das principais identidades culturais encontradas na comunidade.

Para a análise iconográfica, utilizamos como base metodológica o Protocolo de Pesquisa de Documento Iconográfico (PPDI), proposto por Juarez Bergmann Filho (2014). A elaboração e preenchimento do PDDI seguiu o modelo proposto por Filho (2014), porém, foram necessários alguns ajustes para atingir a proposta estabelecida no *corpus* deste artigo. O protocolo permitiu catalogar as seguintes informações: identificação da coleção, título do artesanato, autoria, série, data de produção,

dimensões, conteúdo e descrição do objeto, localização de produção do artefato, equipamento utilizado, responsável e data pelo registro da imagem.

Nesta etapa, as imagens catalogadas, representativas da biodiversidade local, foram protocoladas individualmente. O PDDI, além de auxiliar os processos de documentação e comunicação de imagens e mensagens, possibilitou organizar as informações coletadas de forma visual, complementada pela descrição textual de cada peça analisada. O protocolo contribuiu com a realização de análises padronizadas e, com isso, foi possível estabelecer algumas discussões a partir dos resultados.

A partir da catalogação e o preenchimento do PDDI, identificamos elementos expressivos que possibilitaram a análise da iconografia do artesanato. Nesta fase identificamos três grupos representativos da biodiversidade local: *Cactaceae*, com representação da flora pelas flores dos cactos, típicos da restinga; e a reinterpretação da fauna pelos grupos *Squamata* (serpentes e o calango do Abaeté) e *Testudines* (tartarugas marinhas, cágados e jabutis). Ao final, chegou-se a um conjunto de oito imagens representativas do artesanato de Massarandupió. Neste ponto, buscou-se reconhecer, para além do artesanato, os elementos iconográficos da vila, com viés cultural e ambiental.

O registro das imagens do artesanato ocorrer na sede da ADAM e, posteriormente, na residência de algumas artesãs, espaços que também funcionam tanto como ateliê de produção quanto como ponto de comercialização. Para viabilizar a análise iconográfica, definiu-se para este estudo critérios de inclusão e exclusão a partir do registro fotográfico do artesanato realizado na vila. Foram selecionadas as imagens mais representativas, tendo como critério de inclusão as imagens produzidas pelo artesanato que representassem aspectos da biodiversidade local (fauna e flora). As demais imagens, encontradas no artesanato utilitário, sem relação com as referências simbólicas ou ambientais da vila, foram excluídas.

2.3.3 Caracterização da área de Estudo

A escolha do município de Entre Rios (BA) como área de estudo, especificamente a vila de Massarandupió, ocorreu, sobretudo, pela produção criativa e

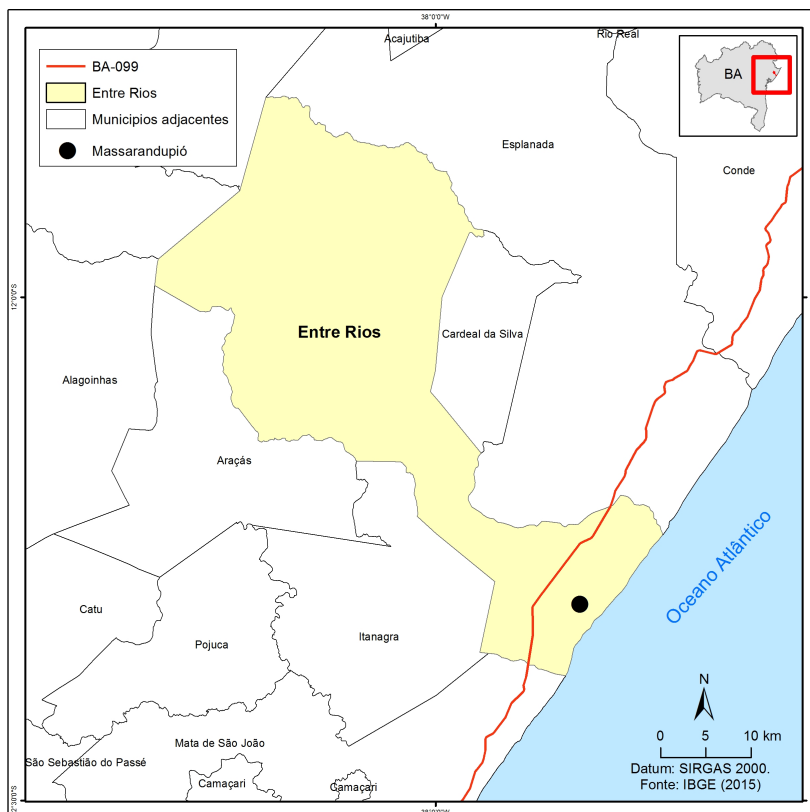
expressiva do artesanato, por sua importância para a biodiversidade e manejo sustentável da matéria-prima utilizada, a piaçava da Bahia (*Attalea funifera Martius*). Segundo Tinoco (2019), a região ainda preserva vegetação remanescente da mata atlântica, com restingas, manguezais, coqueirais, dunas, lagoas, riachos, cachoeiras e uma fauna endêmica.

Ao caracterizar a área de estudo, ficou demonstrado que as artesãs detêm um conhecimento aprofundado dos ciclos de vida da espécie utilizada no artesanato, caracterizando, assim, um modo de vida associado ao ambiente natural. Elas fazem uso desse conhecimento herdado pela tradição no momento da retirada das fibras, sem comprometer a capacidade de recuperação das piaçaveiras, o que possibilita o uso sustentado do ecossistema.

De acordo com o IBGE (2010), a principal atividade econômica do município advém da pesca artesanal, mariscagem, agricultura e produção do artesanato. Esta última atividade representa um ofício secular, com origem nos índios Tupinambás, dotado de saberes ancestrais, transmitido por sucessivas gerações. No entorno da vila, é possível encontrar vilarejos históricos, empreendimentos turísticos e hoteleiros e um litoral com quase 200 quilômetros de praias.

A vila de Massarandupió (Figura 4) é acessível pela rodovia BA 099, Km 88, e atualmente possui uma população estimada de 565 habitantes, segundo dados da última contagem (SOUZA, 2011). A vila está situada na região costeira do município de Entre Rios, no Litoral Norte da Bahia, e fica a aproximadamente 120 quilômetros de distância da capital, Salvador (BA). A vila integra os limites da Área de Proteção Ambiental Litoral Norte (APA/LN), criada pelo Decreto Estadual nº. 1.046, de 1992, e a orla constitui uma Zona de Proteção Ambiental – ZPA (IMA, 1992). Estes instrumentos favorecem um cenário de conservação da biodiversidade e do patrimônio natural.

Figura 4 – Mapa da área de estudo, com destaque para a comunidade de Massarandupió (BA)



Fonte: Luis Paixão e Marcos Paulo Sales (2021)

O bioma predominante da região é a Mata Atlântica, formada também por vegetação de restingas, dunas, coqueirais, pastagens, flora e fauna, áreas úmidas com brejos, lagoas e manguezais. Na Figura 5, pode-se observar o registro do patrimônio natural da vila, com destaque em primeiro plano para os coqueirais, abundantes na região. Observa-se também um riacho que corta a vila e deságua no mar, além das dunas e vegetações de restinga, ao fundo da imagem.

Figura 5 – Biodiversidade e patrimônio natural na vila de Massarandupió (BA)



Fonte: Autoria própria (2021)

Relatos de moradores da comunidade dão conta sobre o surgimento do nome da vila, habitada no passado pelos índios da tribo Tupinambá. Os moradores falam sobre a abundância de uma árvore da região, a maçaranduba (do tupi, *maçarandyba*), com grande utilidade na mata para rolar outras árvores (Instituto Histórico e Geográfico, 1996). A maçaranduba, conhecida por produzir um fruto amarelo, pequeno e doce, possuía um sabor amargo na vila. A partir daí, passou-se a associar os frutos da maçaranduba da região a um sabor pior, originando o nome de Massarandupió.

2.4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esse estudo realizou um levantamento iconográfico do artesanato produzido, com vistas a atender ao objetivo geral proposto, conforme descrito: Conhecer e classificar o artesanato produzido na comunidade de Massarandupió, no Litoral Norte da Bahia, a partir da utilização dos recursos naturais da Mata Atlântica, sob a ótica da iconografia, com foco na representação das espécies endêmicas em risco e/ou ameaçadas de extinção. O artesanato serviu como fonte para a análise iconográfica, sendo comparado visualmente às espécies da fauna e flora retratadas, e serviu para dar sustentação às análises, a partir das imagens fotográficas produzidas.

As artesãs de Massarandupió transmitem o seu legado cultural e mantêm vivas as tradições e memórias da região por diversas formas, em especial, pela representação da biodiversidade por meio do artesanato. A iconografia, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos analisados, surgiu como elemento catalisador para averiguar as manifestações culturais e suas representações simbólicas, na perspectiva de revelar aspectos dos artefatos produzidos, com ilustração da biodiversidade local.

A associação entre as matérias-primas utilizadas, tipologias adotadas e representação simbólica do artesanato – prática secular entre as artesãs – conferem singularidade aos artefatos. Esta associação agrega elementos territoriais peculiares, inseridos na dinâmica ambiental e aos modos de vida característicos da vila. E ressurgem no artesanato produzido: bolsas, com cores e tipos de trançado diversos; grafismos coloridos e cuidadosamente alinhados; objetos utilitários e decorativos e a representação simbólica da biodiversidade local.

A análise iconográfica demonstrou que as principais espécies representadas pelo artesanato, inseridas no contexto biodiverso e na cultura local, integram grupos de espécies da fauna e flora endêmicas em risco e/ou ameaçadas de extinção, o que demonstra uma preocupação comunitária em preservar a cultura, o meio ambiente e a biodiversidade local. A representação simbólica destas espécies pelo artesanato tornam estas espécies conhecidas na comunidade, entre turistas e consumidores, fato que estimula a divulgação e desponta como uma importante ferramenta para a conservação ambiental.

A partir das representações simbólicas percebidas entre a ação dos sujeitos da pesquisa – as artesãs e o saber tradicional – e a sua inter-relação e conexão com o objeto de análise – artesanato – foi possível encontrar cenários diversos, alguns com predomínio evidente sobre outros, como a representação da natureza, mas todos com potencial apelo social, ambiental e cultural. Foi possível entender e reconhecer, por exemplo, como as artesãs percebem, convivem, conservam e representam a biodiversidade, com muito respeito e reverência à natureza, características marcantes no artesanato da vila e demonstrada a seguir na fala de uma artesã.

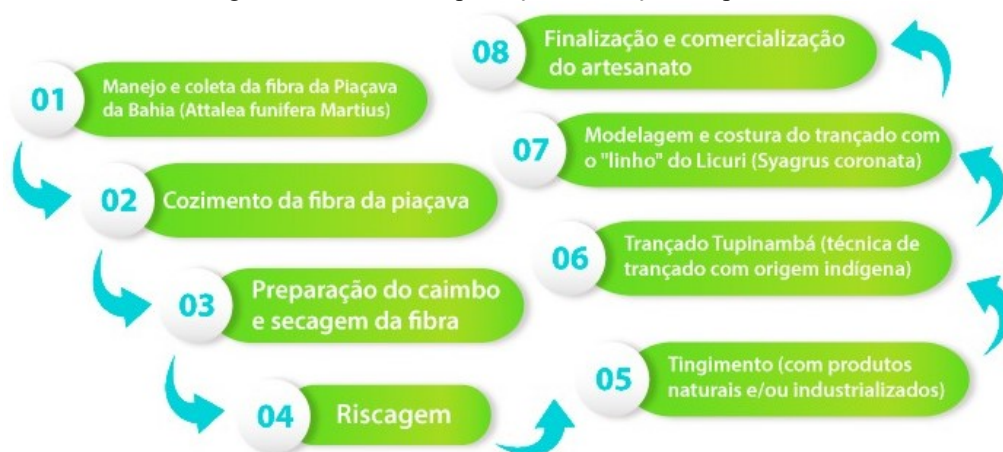
[...] Tudo que tem na natureza, se existe, tem uma utilidade para nós, já que Deus fez assim. Antigamente as pessoas não se importavam muito com isso, com os animais, com as plantas, matava as cobras e os outros animais, às vezes pra fazer remédio, às vezes pra comer e outras por maldade mesmo. Hoje eu posso dizer que as pessoas têm consciência de que tudo isso é errado, que a gente precisa desses animais na natureza [...] (A2).

Como podemos perceber na fala em destaque, as características da vila e do próprio fazer artesanal possuem manifestações de sentido genuínas, pautadas na valorização da natureza. A utilização do trançado Tupinambá como técnica, mas também como forma de expressão cultural e símbolo de resistência, é um traço que se mantém vivo nos modos de produção artesanal até os dias de hoje. Tradição que resiste mesmo diante do apelo da globalização e da pressão dos consumidores por inovações. Estas características influenciam as representações iconográficas observadas.

2.4.1 Etapas de produção do artesanato Tupinambá

O trançado Tupinambá é uma técnica que dá origem ao produto final, composta por oito processos distintos: inicia com a coleta da matéria-prima, a fibra da piaçava, e seu beneficiamento, até chegar à comercialização dos artefatos. A técnica é única no mundo e representa uma característica marcante da região, que tem no artesanato um dos seus pilares. Durante a pesquisa, acompanhou-se cada uma das etapas deste processo, descritas a seguir na Figura 6.

Figura 6 – Processo de produção do trançado Tupinambá



Fonte: Elaborado com base em Dantas (2009) e Sasaki. (2006)

1) Tudo tem início a partir da coleta e manejo da principal matéria-prima, a fibra da piaçava da Bahia (*Attalea funifera Martius*), conforme pode ser observado na Figura 7. Recolhida na mata, nas proximidades da vila, pelas próprias artesãs, o insumo também pode ser comprado de extrativistas locais, em feixes. A prática é adotada, sobretudo, pelas artesãs de maior idade, que evitam entrar na mata, seja pelas limitações da idade, para evitar acidentes ou por problemas de saúde.

Figura 7 – Manejo e coleta da Piaçava da Bahia



Fonte: autoria própria (2021)

2) Em seguida, a qualidade e a espessura das fibras são analisadas pelas artesãs, agrupadas, enroladas e cozidas em fogões de lenha, conforme pode ser observado na Figura 8. O processo deixa a fibra mais maleável, condição essencial para que o trançado ganhe formas para a produção de artefatos diversos. O procedimento é realizado no próprio quintal de casa ou na sede da ADAM.

Figura 8 – Cozimento da fibra da piaçava da Bahia



Fonte: autoria própria (2021)

3) A etapa seguinte, de acordo com as artesãs, consiste na preparação do “cãimbo”. Neste processo, as fibras da piaçava – após passarem pelo processo de cozimento –, são enroladas e postas para secar ao sol, como visto na Figura 9. Nos dias de sol, ficam prontas para a etapa seguinte após dois ou três dias de secagem ao ar livre. Já nos dias nublados ou chuvosos, pode demorar um pouco mais e ainda corre-se o risco das fibras serem inutilizadas pela umidade.

Figura 9 – Preparação do cãimbo e secagem da fibra



Fonte: autoria própria (2021)

4) A riscagem é um processo manual importante e ocorre quando as fibras são cortadas em pequenas tiras, todas com largura e espessuras uniformes. De acordo com as artesãs, esta é uma etapa que merece toda a atenção, pois a diferença na largura e espessura pode ter reflexo direto na qualidade do artesanato. Na Figura 10 pode ser observado o processo de riscagem da fibra (destaque para a cor natural).

Figura 10 – Processo de riscagem finalizado e pronto para o tingimento



Fonte: autoria própria (2021)

5) O momento do tingimento da fibra talvez seja um dos que causem mais impacto ao meio ambiente, com o descarte incorreto dos resíduos gerados. São utilizados produtos naturais (urucum, cipó de rego, arariba, lama do mangue, entre outros), mas também corantes artificiais (anilina industrializada, de cores variadas, para atender ao apelo estético dos consumidores). Os materiais naturais são encontrados nas matas, já os industrializados são adquiridos no pequeno comércio da vila. Na Figura 11 uma amostra da fibra tingida, em cores vibrantes, que dará origem ao trançado.

Figura 11 – Processo de tingimento da fibra



Fonte: autoria própria (2021)

6) Só após cumpridas estas cinco etapas iniciais é que o trançado Tupinambá começa a ganhar forma. O trançado básico dará origem aos vários produtos comercializados, como visto na Figura 12. Esta é uma das etapas mais apreciadas, pois estimula a socialização entre as artesãs, quando elas se agrupam para trançar, conversar, relembrar e contar novas histórias.

Figura 12 – Início do trançado Tupinambá, técnica de origem indígena



Fonte: autoria própria (2021)

7) Com o trançado pronto, tem início a modelagem e a costura do artesanato com o “linho” do Licuri (*Syagrus coronata*). Nesta etapa o trançado produzido começa a dar origem a bolsas, sacolas, esteiras, bocapius, chapéus, porta-guardanapos ou ainda ganhar a representação simbólica e iconográfica da natureza, como as flores e animais endêmicos. Na Figura 13, pode-se observar a modelagem de uma bolsa, nas cores natural e laranja, que logo será comercializada pelas artesãs.

Figura 13 – Modelagem e costura do trançado



Fonte: autoria própria (2021)

8) A última etapa deste longo processo de produção do artesanato Tupinambá é a comercialização dos artefatos, que pode ocorrer tanto na sede da ADAM quanto nas residências das próprias artesãs, que funcionam também como ateliê e ponto de venda. Os principais consumidores são os veranistas e turistas que frequentam as praias naturistas de Massarandupió. Na Figura 14 é possível observar alguns modelos de bolsas, em cores variadas, dispostas na varanda da casa de uma das artesãs.

Figura 14 – Comercialização do artesanato



Fonte: autoria própria (2021)

2.4.2 Análise iconográfica do artesanato em Massarandupió: Trançado Tupinambá, *Cactaceae*, *Squamata* e *Testudines*

As artesãs de Massarandupió convivem e se apropriam da biodiversidade para representá-la simbolicamente pelo artesanato. As representações iconográficas identificadas neste artigo ocorreram em três grupos distintos: *Cactaceae*¹², *Squamata* e *Testudines*. A identificação da representação destes grupos evidenciou a relação das artesãs com os animais que compõem a fauna e a flora da região. A análise detalhada de cada grupo pode ser verificada a seguir, a partir da consolidação do PDDI, utilizado para sistematizar a análise iconográfica proposta.

Os processos e hibridações sofridos pelo trançado Tupinambá no decorrer do tempo são sistematizados na Figura 15. O trançado tradicional, técnica conhecida como 17 pares, que pode ser observado na imagem A, é utilizado para trançar objetos utilitários como chapéus, para proteger do sol; esteiras, utilizadas para o descanso; ou alguns artefatos utilizados na pesca artesanal, com característica indígena marcante. Na atualidade, outros processos e técnicas foram incorporados ao ofício de trançar com as mãos, o que deu origem a novos tipos de trançados e artefatos.

Nas outras imagens destacadas na análise iconográfica, foi possível visualizar os novos tipos de trançado (B, C e D), que se apropriaram do trançado Tupinambá original. A novidade, criada pelas artesãs nas últimas duas décadas, atende a um apelo comercial trazido pela presença de turistas. De criação coletiva, as novas formas de trançado permitem novas formas de *design*, dando forma a produtos diversificados: bolsas, sacolas, chapéus, viseiras, esteiras, utensílios para casa, descanso para pratos e panelas, jogos americanos, *sousplat* e porta-guardanapos, entre outros. Nas imagens é possível acompanhar a “evolução” da técnica, que representa o novo olhar das artesãs.

As figuras 16, 17 e 18, que materializam a análise iconográfica da flora local, permitiu compreender a relação da comunidade com a natureza, por meio da representação das flores da restinga e a sua inserção aos artefatos, com destaque para as

¹² As *cactaceae*, conhecidas popularmente como cactos, são plantas pertencentes à família das *cactáceas*. Esta família botânica permite a acumulação de água, o que faz com que se adaptem e sobrevivem a ambientes quentes e áridos. Estas plantas espinhentas apresentam uma variação anatômica ampla, com ramos são longos, suculentos e, em alguns casos, podem ser comestíveis. Produzem folhas fotossintéticas, frutos tipo baga e floração noturna comum em algumas espécies, por serem polinizadas por insetos e pequenos na imais de hábitos noturnos (Judd et al., 2009).

Cactaceas. A representação que as artesãs recriam da natureza, além de conferir beleza típica do ambiente natural aos produtos, utiliza cores vibrantes para retratá-las, assim como são encontradas na natureza, seu local de origem, mas também para atender a um apelo comercial dos compradores dos produtos.

No repertório imagético do artesanato representado pela comunidade, observou-se variadas referências. A herpetofauna de Massarandupió, presente nas figuras 19, 20, 21 e 22, foi outra característica encontrada. No PDDI, na série denominada Fauna, pode-se perceber a representação de espécies como as serpentes e o calango do Abaeté, pertencentes ao grupo das *Squamatas*; e as tartarugas marinhas, cágados e jabutis, que integram o grupo dos *Testudines*. A análise realizada a partir do método iconográfico poderá ser observada detalhadamente na sequência das figuras.

De acordo com Tinoco e Silva (2019), o *Glaucomastix abaetensis* é endêmico das restingas do litoral norte da Bahia. Ocorre nas dunas de areia branca associadas à Mata Atlântica. Sabe-se pouco sobre sua biologia, ecologia, dieta, reprodução e, principalmente, quais são os elementos que pressionam suas subpopulações. Atualmente encontra-se na lista nacional e estadual de espécies ameaçadas, mas não é listada na UICN. Estima-se que existam seis subpopulações remanescentes em sua área de distribuição. Diante desse cenário, o calango destaca-se como espécie-bandeira e sua conservação implica diretamente na preservação da restinga.

Antes da análise da iconografia do artesanato, este estudo se apoiou na hipótese de que o artesanato produzido em Massarandupió não possuía uma identidade cultural local marcante. Esta hipótese surgiu a partir de observações informais em lojas que comercializam o artesanato nas proximidades da vila, como em Praia do Forte (BA), e em complexos hoteleiros. A hipótese, no entanto, não se confirmou, pois identificou-se uma afirmação cultural e étnica marcante. Mais do que isso, o artesanato possui uma linguagem iconográfica própria, ligada às concepções cosmológicas do grupo com relação à natureza e aos próprios costumes.

Chegou-se a este resultado após as análises iconográficas realizadas, onde se buscou a inter-relação entre os sujeitos da pesquisa com o artesanato a biodiversidade local. A seguir, poderá ser observado o PDDI utilizado para analisar cada uma das oito imagens mais representativas encontradas no artesanato de Massarandupió.

Figura 15 – PDDI da análise iconográfica do Trançado Tupinambá

PROTOCOLO DE PESQUISA PARA DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS	
Coleção: Trançado Tupinambá em Piaçava	Ficha Número: PPDI 01 nov/2020
Título: Bolsas	Autoria: Diversa
Série: Trançado	
Data de produção: novembro/2020	Dimensão (HxLxP): diversas
Âmbito e conteúdo: O artesanato produzido pelas artesãs de Massarandupió, a partir da fibra da piaçava, tem sua origem nos antepassados indígenas das comunidades que habitavam a região hoje conhecida como Litoral Norte da Bahia. A produção artesanal tem importância significativa para a economia das comunidades da região e o seu entorno, sobretudo pela possibilidade de comercialização nos empreendimentos turísticos e hoteleiros, além da constante presença de turistas nas praias naturistas da vila. Por essa ligação histórica e cultural indígena com a piaçava, o trançado confeccionado pelas artesãs é conhecido como Trançado Tupinambá. A técnica, transmitida por sucessivas gerações, apesar de preservar suas características originais, sofreu modificações no decorrer do tempo e hoje agrega novas formas e técnicas ao trançado original, como pode ser observado nas imagens: A) Trançado 17 pares (tradicional), B) Trançado Jurema; C) Trançado Bicão e D) Trançado Laçinho. Ressalta-se que este tipo de trançado é único no mundo e neste estudo nós o consideramos como um elemento iconográfico importante para representar a região.	
Localização do artefato: Vila de Massarandupió	Município/Estado: Entre Rios/Bahia
Quanto a imagem:	
Equipamento utilizado para o registro: Nikon D3000 e Motorola One Zoom	Acondicionamento: Google Fotos > Meu drive > Dissertação > Imagens > Artesanato de Massarandupió
Responsável pelo registro das imagens: Marcos Paulo Sales (A, B, C e D)	Data do registro fotográfico: 15 de novembro de 2020
Contato: Telefone – (71) 99135-5465 E-mail: mp.sales@gmail.com	Observação: O artesanato pode ser adquirido na ADAM ou com as artesãs associadas
Imagens:	



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Figura 16 – PDDI da análise iconográfica da flora (Cactáceas)

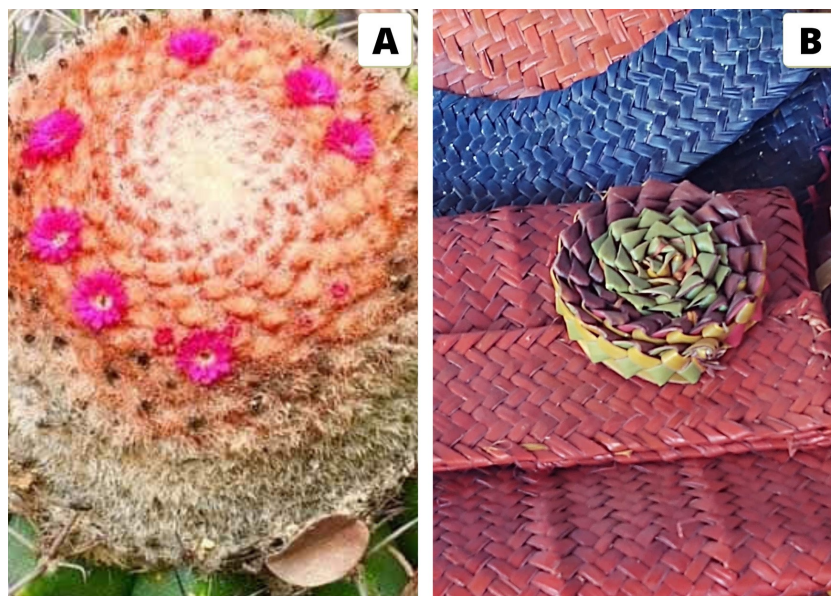
PROTOCOLO DE PESQUISA PARA DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS	
Coleção: Trançado Tupinambá em Piaçava	Ficha Número: PPDI 02 nov/2020
Título: Flores da Restinga	Autoria: Coletiva
Serie: Flora	
Data de produção: novembro/2020	Dimensão (HxLxP): variada
Âmbito e conteúdo: A flor do cacto (imagem A), do grupo <i>Cactáceas</i> , é representada nos detalhes de uma bolsa (imagem B), trançada com recursos naturais da Mata Atlântica. Neste artefato foram utilizadas a fibra da piaçava da Bahia (<i>Attalea funifera Martius</i>) e o linho do licuri (<i>Syagrus coronata</i>), para costurar e dar forma à peça, produzida a partir de uma técnica indígena ancestral, conhecida como Trançado Tupinambá. As fibras são tingidas antes de o objeto ganhar forma, para isso são utilizadas anilinas (produtos industrializados e artificiais), ou produtos naturais como o urucum e a lama. O artesanato em questão possui <i>status</i> utilitário. A flor do cacto, representada imgeticamente pelas artesãs da ADAM, é facilmente encontrada nas dunas e restinga de Massarandupió. Ao representar a flora local iconograficamente, elas contribuem com a divulgação das espécies da flora, chamando a atenção dos consumidores para o patrimônio ambiental e estimulando a sua conservação. As flores que ornamentam a bolsa foram confeccionadas nas cores rosa (tingida) e natural.	
Localização do artefato: Vila de Massarandupió	Município/Estado: Entre Rios/Bahia
Quanto a imagem	
Equipamento utilizado para o registro: Nikon D3000 e Motorola One Zoom	Acondicionamento: Google Fotos > Meu drive > Dissertação > Imagens > Artesanato de Massarandupió
Responsável pelo registro das imagens: Marcos Paulo Sales (A e B)	Data do registro fotográfico: 15 de novembro de 2020
Contatos: Telefone – (71) 99135-5465 E-mail: mp.sales@gmail.com	Observação: O artesanato pode ser adquirido na ADAM ou com as artesãs associadas
Imagens	



Figura 17 – PDDI da análise iconográfica da flora (Cactáceas)

PROTOCOLO DE PESQUISA PARA DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS

Coleção: Trançado Tupinambá em Piaçava	Ficha Número: PPDI 03 nov/2020
Título: Flor de Cacto	Autoria: Coletiva
Serie: Flora	
Data de produção: novembro/2020	Dimensão (HxLxP): 3cm x 3cm x 3,5cm
Âmbito e conteúdo: Nesta bolsa artesanal de mão (imagem B), as artesãs representam o cacto (imagem A), como pode ser observado no destaque da segunda imagem. Trançada com as fibras da piaçava da Bahia (<i>Attalea funifera Martius</i>), a peça é costurada com o linho (fibra) do licuri (<i>Syagrus coronata</i>), a partir da técnica denominada Trançado Tupinambá. Em cores variadas, as fibras são tingidas durante o processo de beneficiamento da matéria-prima, quando são utilizadas anilinas (produtos artificiais e industrializados), ou produtos naturais como o urucum e a lama. O artesanato em destaque possui <i>status</i> utilitário e serve como porta objetos. O cacto e a sua flor são facilmente encontrados nas dunas de Massarandupió, servindo para representar a região iconograficamente e contribuir com a divulgação da espécie e sua consequente conservação ambiental. Em variadas cores, o artesanato atende ao apelo comercial dos compradores e turistas que frequentam a região.	
Localização do artefato: Vila de Massarandupió	Município/Estado: Entre Rios/Bahia
Quanto a imagem:	
Equipamento utilizado para o registro: Nikon D3000 e Motorola One Zoom	Acondicionamento: Google Fotos > Meu drive > Dissertação > Imagens > Artesanato de Massarandupió
Responsável pelo registro das imagens: Marcos Sales (B) e Moacir Tinoco (A)	Data do registro fotográfico: 15 de novembro de 2020
Contato: mp.sales@gmail.com	Observação: O artesanato pode ser adquirido na ADAM ou com as artesãs associadas
Imagens:	

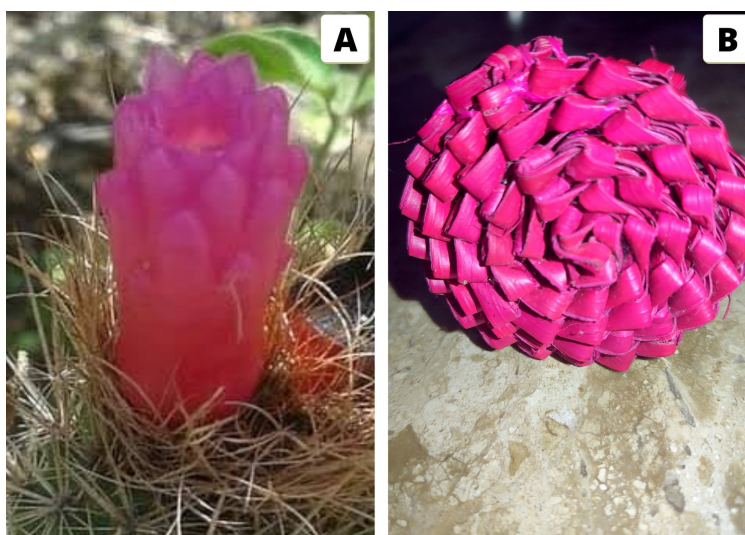


 Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Figura 18 – PDDI da análise iconográfica da flora (Cactáceas)

PROTOCOLO DE PESQUISA PARA DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS

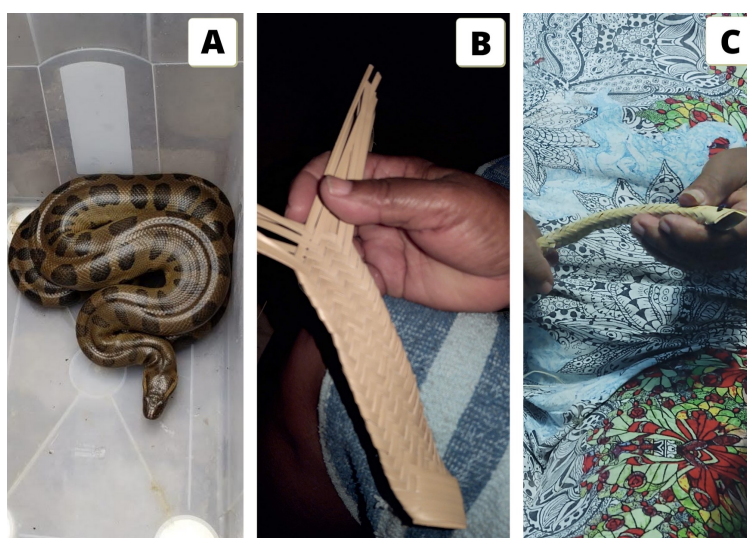
Coleção: Trançado Tupinambá em Piaçava	Ficha Número: PPDI 04 nov/2020
Título: Flor de Cacto	Autoria: Matilde Gonçalves (Tidinha)
Serie: Flora	
Data de produção: novembro/2020	Dimensão (HxLxP): 3cm x 3cm x 3,5cm
Âmbito e conteúdo: A última imagem da série “Flora”, que representa iconograficamente a natureza de Massarandupió, por meio do artesanato, traz um porta-guardanapos (imagem B) e ilustra a flor do cacto (imagem A). Trançada com recursos naturais da Mata Atlântica, com as fibras da piaçava da Bahia (<i>Attalea funifera Martius</i>) e o linho do licuri (<i>Syagrus coronata</i>) para costurar a peça. O artesanato em questão possui <i>status</i> decorativo, mas também utilitário, por servir como porta-guardanapos. A flor de cacto, encontrada nas dunas e restinga de Massarandupió, representa iconográfica a espécie e é uma forma encontrada pelas artesãs para divulgar as belezas naturais e, ao mesmo tempo, contribuir para a popularização das espécies endêmicas da flora local e a sua conseqüente conservação ambiental. A peça, na cor rosa, é composta por três partes, todas em formato da flor, uma base que serve de apoio e outras duas flores laterais, formando uma peça única para acondicionamento dos guardanapos de papel. As fibras são tingidas antes de o objeto ganhar forma, para isso são utilizadas anilinas (produtos artificiais e industrializados) ou produtos naturais como o urucum e a lama.	
Localização do artefato: Vila de Massarandupió	Município/Estado: Entre Rios/Bahia
Quanto a imagem:	
Equipamento utilizado para o registro: Nikon D3000 e Motorola One Zoom	Acondicionamento: Google Fotos > Meu drive > Dissertação > Imagens > Artesanato de Massarandupió
Responsável pelo registro das imagens: Marcos Sales (B) e Moacir Tinoco (A)	Data do registro fotográfico: 15 de novembro de 2020
Contato: Telefone – (71) 99135-5465 E-mail: mp.sales@gmail.com	Observação: O artesanato pode ser adquirido na ADAM ou com as artesãs associadas
Imagens:	



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Figura 19 – PDDI da análise iconográfica da fauna: Serpentes

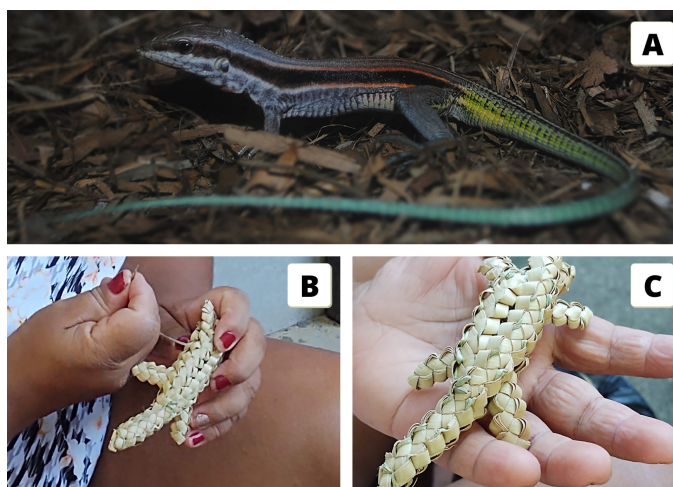
PROTOCOLO DE PESQUISA PARA DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS	
Coleção: Trançado Tupinambá em Piaçava	Ficha Número: PPDI 05 nov/2020
Título: Cobras e serpentes de Massarandupió	Autoria: Joana Gonçalves (Dona Jarinha)
Serie: Fauna	
Data de produção: novembro/2020	Dimensão (HxLxP): 3cm x 3cm x 3,5cm
Âmbito e conteúdo: Destaque para a série “Fauna”, com a representação iconográfica da herpetofauna de Massarandupió. Apesar de causar medo e pavor, as serpentes (imagem A) ganharam representação no artesanato e são pertencentes ao grupo das <i>Squamatas</i> . Nas imagens B e C, pode-se observar a serpente ganhando forma e, em seguida, o artesanato finalizado, respectivamente. Na localidade, algumas espécies são bem conhecidas dos moradores, seja pelos serviços ambientais que oferecem à comunidade ou pelo medo do seu veneno. De forma geral, essa convivência ocorre de forma harmoniosa, com respeito ao espaço dos animais e a consciência de que eles devem ser protegidos, apesar das inúmeras lendas com aspectos negativos sobre o animal. A peça, que é comercializada separadamente ou pode servir como a alça para uma bolsa, por exemplo, foi trançada com as fibras da piaçava da Bahia (<i>Attalea funifera Martius</i>) e costurada com o linho do licuri (<i>Syagrus coronata</i>), em cor natural, a partir da técnica do Trançado Tupinambá. A representação iconográfica é uma forma encontrada pelas artesãs para divulgar as belezas naturais e, ao mesmo tempo, contribuir para a divulgação das espécies endêmicas da biodiversidade local e a sua consequente conservação ambiental.	
Localização do artefato: Vila de Massarandupió	Município/Estado: Entre Rios/Bahia
Quanto a imagem:	
Equipamento utilizado para o registro: Nikon D3000 e Motorola One Zoom	Acondicionamento: Google Fotos > Meu drive > Dissertação > Imagens > Artesanato de Massarandupió
Responsável pelo registro das imagens: Marcos Paulo Sales (A, B e C)	Data do registro fotográfico: 15 de novembro de 2020
Contato: Telefone – (71) 99135-5465 E-mail: mp.sales@gmail.com	Observação: O artesanato pode ser adquirido na ADAM ou com as artesãs associadas
Imagens:	



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Figura 20 – PDDI da análise iconográfica da fauna: Calango do Abaeté

PROTOCOLO DE PESQUISA PARA DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS	
Coleção: Trançado Tupinambá em Piaçava	Ficha Número: PPDI 06 nov/2020
Título: Calango do Abaeté	Autoria: Marisa Gonçalves
Serie: Fauna	
Data de produção: novembro/2020	Dimensão (HxLxP): 3cm x 3cm x 3,5cm
Âmbito e conteúdo: Na imagem A é possível observar o calango do Abaeté (<i>Glaucmastix abaetensis</i>), espécie que compõe a herpetofauna local, representada pelo grupo <i>Squamata</i> , e atualmente ameaçada de extinção. O lagarto é representado pelas artesãs de Massarandupió na sequência das imagens (B e C), onde podemos observar a confecção da peça. Genuinamente baiano, o <i>abaetensis</i> , descoberto na mística Lagoa do Abaeté, em Salvador (BA), possui sete cores e cauda verde-azulado brilhante. O calango foi descrito pela ciência apenas em 2002 e pode ser encontrado em Salvador e em alguns municípios do Litoral Norte da Bahia, em áreas de restinga. Para representar o animal, a artesã utiliza trançado a partir das fibras da piaçava da Bahia (<i>Attalea funifera Martius</i>), que posteriormente é costurado com o linho do licuri (<i>Syagrus coronata</i>), utilizando a técnica denominada de Trançado Tupinambá. As fibras foram utilizadas em sua cor natural, sem a necessidade de tingimento. O artesanato demonstrado nas imagens é do tipo decorativo. O calango, também conhecido na comunidade como “calanguinho”, é encontrado nas dunas e é representado iconograficamente pelas artesãs como forma de contribuir com a divulgação das espécies e estimular a sua conservação.	
Localização do artefato: Vila de Massarandupió	Município/Estado: Entre Rios/Bahia
Quanto a imagem:	
Equipamento utilizado para o registro: Nikon D3000 e Motorola One Zoom	Acondicionamento: Google Fotos > Meu drive > Dissertação > Imagens > Artesanato de Massarandupió
Responsável pelo registro das imagens: Marcos Sales (B e C) e Moacir Tinoco (A)	Data do registro fotográfico: 15 de novembro de 2020
Contato: Telefone – (71) 99135-5465 E-mail: mp.sales@gmail.com	Observação: O artesanato pode ser adquirido na ADAM ou com as artesãs associadas
Imagens:	



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Figura 21 – PDDI da análise iconográfica da fauna: Tartarugas marinhas

PROTOCOLO DE PESQUISA PARA DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS	
Coleção: Trançado Tupinambá em Piaçava	Ficha Número: PPDI 07 nov/2020
Título: Tartaruga Marinha	Autoria: Marisa Gonçalves
Serie: Fauna	
Data de produção: novembro/2020	Dimensão (HxLxP): 3cm x 3cm x 3,5cm
Âmbito e conteúdo: As tartarugas marinhas (imagem A) compõem a herpetofauna de Massarandupió, integram o grupo dos <i>Testudines</i> . Elas são representadas pelas artesãs (imagem B) a partir do Trançado Tupinambá, feito a partir das fibras da piaçava da Bahia (<i>Attalea funifera Martius</i>), que posteriormente é costurado com o linho do licuri (<i>Syagrus coronata</i>). As fibras foram utilizadas em sua cor natural, sem a necessidade de tingimento. O artesanato demonstrado nas imagens é do tipo decorativo e é representado iconograficamente pelas artesãs como forma de contribuir com a divulgação das espécies e estimular a sua conservação ambiental. Se antes a comunidade utilizava o animal e os ovos para consumo ou fins medicinais, hoje existe uma grande sensibilização em torno da preservação e conservação ambiental. Das cinco espécies de tartarugas marinhas que ocorrem no Brasil, todas estão ameaçadas de extinção, segundo critérios das listas brasileira e mundial de espécies ameaçadas. Destas, quatro desovam no litoral e são mais vulneráveis: a cabeçuda (<i>Caretta caretta</i>), oliva (<i>Lepidochelys olivacea</i>), de pente (<i>Eretmochelys imbricata</i>) e de couro (<i>Dermodochelys coriacea</i>). Algumas utilizam as praias do Litoral Norte da Bahia como áreas de alimentação, desova, crescimento e descanso.	
Localização do artefato: Vila de Massarandupió	Município/Estado: Entre Rios/Bahia
Quanto a imagem:	
Equipamento utilizado para o registro: Nikon D3000 e Motorola One Zoom	Acondicionamento: Google Fotos > Meu drive > Dissertação > Imagens > Artesanato de Massarandupió
Responsável pelo registro das imagens: Marcos Sales (B) e Projeto Tamar (A)	Data do registro fotográfico: 15 de novembro de 2020
Contato: Telefone – (71) 99135-5465 E-mail: mp.sales@gmail.com	Observação: O artesanato pode ser adquirido na ADAM ou com as artesãs associadas
Imagens:	

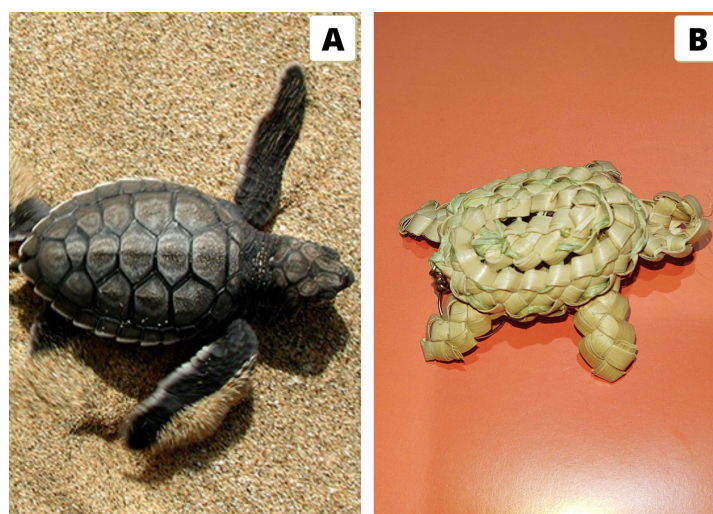


Figura 22 – PDDI da análise iconográfica da fauna: Cágados e Jabutis

PROTOCOLO DE PESQUISA PARA DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS	
Coleção: Trançado Tupinambá em Piaçava	Ficha Número: PPDI 08 nov/2020
Título: Cágados e Jabutis	Autoria: Matilde Gonçalves (Tidinha)
Serie: Fauna	
Data de produção: novembro/2020	Dimensão (HxLxP): 3cm x 3cm x 3,5cm
Âmbito e conteúdo: Na análise iconográfica da última imagem proposta para este estudo, trouxemos os cágados e jabutis (imagem A). Assim como as tartarugas marinhas, eles estão presentes na herpetofauna de Massarandupió. No contexto local, os <i>Testudines</i> (cágados e jabutis) foram observados na vila, alguns domesticados e criados livremente nos quintais de casa, o que demonstra a relação próxima entre a comunidade e a espécie. O artesanato demonstrado nas imagens é do tipo decorativo e a espécie é representada iconograficamente pelas artesãs como forma de contribuir para a importância da espécie para o meio natural, divulgação e conservação ambiental. Eles são representados pelas artesãs (imagem B) a partir do Trançado Tupinambá, feito com as fibras da piaçava da Bahia (<i>Attalea funifera Martius</i>), que posteriormente é costurado com o linho do licuri (<i>Syagrus coronata</i>), para dar forma final ao objeto. As fibras utilizadas foram tingidas na cor rosa, com produtos industrializados, que sem o descarte correto pode contaminar o solo e corpos d'água.	
Localização do artefato: Vila de Massarandupió	Município/Estado: Entre Rios/Bahia
Quanto a imagem:	
Equipamento utilizado para o registro: Nikon D3000 e Motorola One Zoom	Acondicionamento: Google Fotos > Meu drive > Dissertação > Imagens > Artesanato de Massarandupió
Responsável pelo registro das imagens: Marcos Paulo Sales (B) e Divulgação (A)	Data do registro fotográfico: 15 de novembro de 2020
Contato: Telefone – (71) 99135-5465 E-mail: mp.sales@gmail.com	Observação: O artesanato pode ser adquirido na ADAM ou com as artesãs associadas
Imagens:	



2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio nesta pesquisa consistiu em identificar características marcantes no artesanato produzido em Massarandupió que justificassem uma análise iconográfica. A partir das dimensões territoriais, culturais, ambientais e simbólicas encontradas, uma série de representações manifestadas no artesanato ganhou destaque a ponto de se tornarem representativas tanto para a comunidade quanto para os consumidores. Mais do que captar as imagens do artesanato produzido, buscou-se os aspectos culturais, os modos de vida e a relação da comunidade com a natureza. Nesta perspectiva, percebeu-se uma relação próxima e respeitosa da comunidade com o meio ambiente.

Apesar das diversas forças externas que ameaçam a produção artesanal, como a escassez da matéria-prima e o distanciamento das gerações atuais do ofício, as artesãs de Massarandupió mantêm as tradições, resistem ao tempo, ao mundo globalizado e à pressão econômica contemporânea, que valoriza o conceito de desenvolvimento baseado na economia. Protagonistas da cultura local, elas detêm, transmitem e socializam conhecimentos por meio do artesanato, num movimento contínuo de valorização dos processos criativos e ancestrais.

Nas pesquisas de campo, realizada nos meses de fevereiro, setembro, outubro e novembro de 2020, e janeiro de 2021, foi possível conhecer, *in loco*, o extenso processo e produção artesanal das artesãs de Massarandupió e documentar, em imagens, os objetos, cores e todo o processo produtivo. Também foi possível identificar as diferentes trajetórias presentes nas imagens, sobretudo na intenção das artesãs ao representá-las, e entender como essa contribuição que elas oferecem para a sociedade reflete a preocupação com a conservação ambiental.

A iconografia expressa no trançado Tupinambá apresentou-se, desde o primeiro momento, como um rico campo de análise. Na prática, a metodologia contribuiu para aprofundar o conhecimento sobre o objeto em estudo e entender a relação das artesãs com a natureza, mas também conhecer a técnica do trançado de origem indígena. A tradição local se mantém, apesar da forte influência dos processos de globalização e hibridação cultural, ocorridos ao longo dos anos. O estudo iconográfico forneceu dados que permitiram estas análises.

Apesar de não analisarmos todas as tipologias do artesanato produzido na ADAM, pois foi necessário nos concentrarmos a uma amostra específica do artesanato – a representação da natureza –, registramos em imagens boa parte dos artefatos encontrados na comunidade. Estes registros constituíram-se num rico acervo de pesquisa e análise, que poderá contribuir para futuros estudos, além de documentar o trançado Tupinambá na contemporaneidade.

O universo retratado ao longo desta pesquisa decorreu de experiências individuais e coletivas, constatadas *in loco* e percebidas nas falas das artesãs, que se orgulham da sua cosmovisão de mundo, de uma conexão muito próxima com a natureza. A “leitura” das imagens, para além do método e da técnica iconográfica, foi imbuída de um processo de percepção individual, subjetivo e particular. E foi justamente essa multiplicidade de interpretações que nos deparamos em campo: para onde se direcionou o olhar, diferentes perspectivas foram observadas e compreendidas.

A vivência na comunidade, mesmo que por um breve período de tempo, mas de rica intensidade, foi essencial para se chegar à proposta deste estudo, seja para analisar os vínculos das artesãs com o ofício e com a natureza, seja por captar as mensagens e intenções nas falas delas durante a análise das entrevistas, e nos objetos retratados pelas fotografias. Esse contato possibilitou vislumbrar as diferentes possibilidades de releituras da biodiversidade pelo olhar do artesanato.

O que se pretendeu, por fim, foi contribuir com os estudos nas áreas temáticas aqui retratadas e oferecer, mesmo que numa escala reduzida, uma compreensão das relações que se estabeleceu entre as imagens representadas, a sua iconografia e a conservação ambiental em Massarandupió. Percebeu-se também um movimento coletivo e contínuo, de mão dupla, que une as artesãs e as direciona para a produção de objetos diversos, não apenas do mundo material que as cercam, mas também agregam subjetividade, vivências, tradições e ancestralidade ao contexto representado.

As relações observadas durante o período de realização desta pesquisa se baseiam, em momentos diversos, na memória ancestral da comunidade e nas experiências individuais e coletivas das artesãs, seja na convivência social, na relação com o meio ambiente ou nas configurações do próprio território retratado. A manifestação dessas vivências são percebidas no próprio ofício, a partir da construção e representação das imagens encontradas nos artefatos retratados.

Vale dizer que as análises iconográficas foram ressaltadas não pelo apelo estético, mas, sobretudo, pelo valor ambiental encontrado nas imagens, que podem ser passíveis de outras interpretações, leituras e releituras, em futuros projetos interdisciplinares. Nosso intuito aqui foi estabelecer, a partir da hipótese defendida, qual a identidade cultural e territorial do artesanato. O estudo da iconografia atestou a afirmação desta identidade, a valorização das artesãs, do seu ofício e da sua arte.

Logo, defendemos que as representações registradas estão associadas ao repertório cultural e ecológico coletivo. Ao estabelecermos esta relação, foi possível atribuir significados às peças produzidas. A representação de flores e animais na concepção dos objetos permitiu identificar o caráter ecológico e conservacionista nestas representações. Os signos iconográficos constituíram-se como uma base necessária para que se considerasse a iconografia na linguagem visual dos objetivos. O procedimento resultou no isolamento e identificação de oito unidades com significado iconográfico.

Este trabalho surge como uma etapa inicial na iconografia aplicada ao artesanato do Litoral Norte da Bahia, em especial, na vila de Massarandupió. Em futuros estudos na área, a possibilidade de conferir significados ao artesanato e relacioná-los à cultura e a natureza podem ser considerados e ampliados. Com os dados obtidos, percebeu-se que existe uma relação entre o artesanato, a técnica e as formas representadas, ainda que esta relação não seja aplicada a todos os produtos artesanais encontrados na vila.

Ainda foi possível inferir que existe uma heterogeneidade cultural e ambiental no artesanato da região. Concluiu-se que, apesar da produção de artefatos diversos como bolsas, sacolas, esteiras, descansador de panelas, porta-guardanapos e jogos americanos, entre outros, existe um nicho ainda pouco explorado, que é a representação da cultura local e da própria biodiversidade. Tais características permitem afirmar que, independente do estilo ou técnica, existe no artesanato da região uma peculiar valorização e exaltação da natureza e do conhecimento tradicional.

Quanto ao futuro da tradição, percebeu-se uma desesperança entre as artesãs mais antigas e o temor de que essa tradição ancestral se enfraqueça e seja extinta num futuro próximo, pois as novas gerações não vislumbram nem motivos e nem retorno financeiro para que a produção do trançado Tupinambá ganhe continuidade. Contribuem para este cenário os complexos turísticos e hoteleiros, além das casas de

veraneio, nas proximidades da vila, que acabam por contratar a mão-de-obra dos moradores e moradoras da vila, geralmente em empregos que não exigem qualificação.

Os resultados e hipótese apresentados poderão ganhar contribuições a partir das lacunas deixadas, com a realização de pesquisas futuras sobre o trançado Tupinambá, meio ambiente e a sua iconografia. Até aqui, discutiu-se questões relevantes sobre o objeto a partir do *locus* da pesquisa proposta, o que permitiu que a investigação encontrasse caminhos e resultados importantes. Acredita-se que o estudo da linguagem iconográfica do trançado Tupinambá aqui apresentado encontre bases teóricas e metodológicas seguras para a realização de novas pesquisas.

Por fim, percebeu-se que, a atividade artesanal de Massarandupió reconhece e mantém a sua identidade ao escolher reproduzir, em seu artesanato, elementos da fauna e da flora locais pela comunidade de artesãs. Os objetos produzidos na vila marcam o lugar de moradia destas comunidades, sua relação com o meio ambiente e a sua opção em viver no território, que são parte do processo de construção identitária da comunidade. Neste sentido é possível afirmar que o artesanato compõe elementos identitários da territorialidade dos moradores da vila de Massarandupió.

2.6 REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência: Introdução ao jogo e suas regras**. São Paulo: Editora Loyola, 2002.

ADAM, Leonhard. **Arte Primitiva**. 2ª ed. Trad. Eduardo Warshaver. Buenos Aires: Editorial Lautaro, 1947. 240p.

BARROSO, E. (Coord.). **Introdução e metodologia**. In: _____. Identidade cultural: iconografia do Paraná. Curitiba: SEBRAE/PR, 2004.

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. **Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica**. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Mirian L. Moreira (orgs.). *Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

BERGMANN FILHO, Juarez. **Artífices, artifícios e artefatos: narrativas e trajetórias no processo de construção da rabeça brasileira**. 2014. 95 f. Qualificação (Doutorado em Design) Programa de Pós Graduação em Design – Linha Sistemas de Produção e Utilização.

BERTOLDI, M. R.; BARON, L. 2014. **Solidariedades entre a sociobiodiversidade e**

o desenvolvimento sustentável. XXIII Congresso Nacional do CONPED, Universidade Federal da Paraíba.

BORGES, Adélia. **Design + Artesanato: O caminho brasileiro.** São Paulo: Editora Terceiro Nome. 2011.

BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Portaria n. 1.007 de 11 de junho de 2018.** Institui o Programa do Artesanato Brasileiro, cria a Comissão Nacional do Artesanato e dispõe sobre a base conceitual do artesanato brasileiro. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 01 de Ago. 2018. Seção 1, p. 34. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/34932949/do1-2018-08-01-portaria-n-1-007-sei-de-11-de-junho-de-2018-34932930. Acesso em: 16 de set. de 2020.

CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

CAVALHEIRO, Larissa Nunes et al. **Direito e Sustentabilidade ao encontro das diversidades no meio ambiente ecologicamente equilibrado: os Direitos da Sociobiodiversidade.** 2015.

COLOMBRES, Adolfo. **Sobre la Cultura y el Arte Popular.** Buenos Aires: Ediciones Del Sol, 1997. 197p.

CRESWELL, J. W. **Projetos de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DANTAS, Tereza Cristina Pamponet Ribeiro. **Sustentabilidade em iniciativas de organização popular e solidária no segmento artesanal: um olhar sobre as associações de palha da Costa dos Coqueiros.** 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar e Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social) – Programa de Pós-graduação do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social (CIAGS), Universidade Federal da Bahia (Ufba), Salvador, 2009.

DE CARVALHO, I. S. H., Bergamasco, S. M. P. P., & do Nepam, P. 2010. **Sociologia Rural e Etnociências: Convergências e Diálogos Interdisciplinares.** V Encontro Nacional da Anppas, Florianópolis-C.

FLORES, M. **A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento** – uma visão do estado da arte. Contribuição para o Projeto Desenvolvimento Territorial Rural a partir de Serviços e Produtos com Identidade – RIMISP, 2006.

FRONZA, André Luiz; BUONANO, Débora Gigli. **Artesanato brasileiro: iconografia da identidade nacional.** Educação Gráfica. Volume 21 – Número 03, 2017. Disponível em: http://www.educacaografica.inf.br/wp-content/uploads/2018/01/04_ARTESANATO-BRASILEIRO07_24.pdf. Acesso em: 11 de abr. de 2020.

IBGE. **Entre Rios**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/entre-rios/panorama>. Acesso em: 13 set. 2020.

JUDD, W.S., CAMPBELL, C.S., KELLOGG, E.A., STEVENS, P.F., DONOGHUE, M.J. **Sistemática Vegetal: Um Enfoque Filogenético**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 330p.

LUBISCO, Nídia Maria Liienart. **Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses**. 6 ed. rev. ampl. Salvador: EDUFBA, 2019.

NASCIMENTO, Marcos Paulo Sales do; ZANIRATO, Sílvia Helena. **Conhecimentos artesanais Tupinambá: Práticas e saberes em risco no Litoral Norte da Bahia**. In: Anais do X Encontro Nacional da Anppas. Campinas (SP) Unicamp, 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/x_enanppas2021/395460-CONHECIMENTOS-ARTESANAIS-TUPINAMBA--PRATICAS-E-SABERES-EM-RISCO-NO-LITORAL-NORTE-DA-BAHIA>. Acesso em: 28/01/2022.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. 5ª reimpressão. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 2012.

PEREIRA, José Carlos da Costa. **Artesanato: definições e evolução ação do MTb - PNDA**. Brasília: Ministério do Trabalho, Planejamento e Assuntos Gerais, 1979.

PIETRAFESA DE GODOI, Emília. **Territorialidade: trajetórias e usos do conceito**. Raízes, Revista de Ciências Sociais e Econômicas, vol. 34, no 2, Campina Grande, PB, UFCG, julho-dez. 2014, pp.08-16. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&pid=S0104-8333201800010020700023&lng=en>. Acesso em: 18 set. 2021.

SALES, Marcos Paulo; de Moura, Geraldo Jorge Barbosa. **Conhecimento Tradicional e Artesanato: Trançado de Piaçava, Respeito à Natureza e Educação Ambiental em Massarandupió (BA)**. In: III Congresso Internacional Ibero-Americano de Bioética, IX Congresso de Humanização e Bioética e Simpósio de Educação e Bioética da Sociedade Brasileira de Bioética Regional Paraná, 2020, Curitiba/PR. Anais 3ª edição ISSN 2316-1140. Curitiba/PR, 2020. p. 74-74.

SANTOS, Milton. **Território e sociedade: Entrevista com Milton Santos**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2000.

SAQUET, Marcos Aurélio. **A descoberta do território e outras premissas do desenvolvimento territorial**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, São Paulo, v.20, n. 3, p. 479–505, set.-dez, 2018. Disponível em: <<https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/5655>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

SEBRAE-BA, Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas da Bahia. **A**

Iconografia pelo Olhar do Artesão – A Bahia recriada através dos olhares e fazeres de artesãos de oito destinos turísticos. Disponível em: https://issuu.com/sebraebahia/docs/catalogo_artesanato_bahia-original. Acesso em: 17 de abr, de 2020.

SILVA, Renato; TINOCO, Moacir. **Impacto da degradação ambiental sobre a população de *Glaucomastix abaetensis*** Reis Dias, Rocha & Vrcibradic 2002 (Calangodo-Abaeté). In: ANAIS DO IX CONGRESSO BRASILEIRO DE HERPETOLOGIA, 2019, Campinas. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbh-2019/papers/impacto-da-degradacao-ambiental-sobre-a-populacao-de-glaucomastix-abaetensis--reis-dias--rocha---vrcibradic-2002--calang>> Acesso em: 21 nov. 2020.

SOUZA, M. D. L.C; GERMANI, GUIOMAR INEZ; SOUZA, E. R. L. D. C. **Conflitos de interesses na produção do espaço na área costeira do Litoral Norte da Bahia.** Anais do Iº Seminário Espaços Costeiros 2011 – IGEO/UFBA – Salvador, Bahia. Disponível em: https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/geografar_souzagermani_producao_espacolitoralnorteba.pdf. Acesso em: 13 set. 2020.

SOUZA, Maria de Lourdes Costa. **Interesses na produção do espaço no Litoral Norte da Bahia: Massarandupió e seu entorno.** 2009. 160f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências). Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador Bahia.

SPOSITO, E. S. **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular. 2009.

TINÓCO, M. S.. **Restinga: A Herpetofauna do Litoral Norte da Bahia.** 1. ed. São Paulo: Barro de Chão, 2019. 367p .

TOWNSEND, C. R., Begon, M., & Harper, J. L. (2009). **Fundamentos em ecologia.** Artmed Editora, 2009.

WORLD CRAFTS COUNCIL – WCC. **Our vision,** 2012. Disponível em <<http://www.worldcraftscouncil.org/vision>>. Acesso em: 10 de jan. 2021.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global.** Belo Horizonte: UFMG, 2006.

ZANIRATO, Silvia H. **A fotografia de imprensa: modos de ler.** In: PELEGRINI, Sandra & ZANIRATO, Silvia H. **Dimensões da imagem.** Maringá: EDUEM, 2005, p. 15-37.

3. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Este estudo trouxe a hipótese de que o artesanato produzido e comercializado na vila de Massarandupió não possuía uma identidade definida. Para averiguar esta hipótese, buscou-se entender a dinâmica da produção artesanal local, a partir de uma perspectiva iconográfica, com a investigação de elementos que possibilitaram entender, por exemplo, como as artesãs representam a biodiversidade por meio dos artefatos, como estavam organizadas produtivamente e como utilizavam os recursos naturais.

Protagonistas da cultura local, as artesãs detêm, transmitem e socializam conhecimentos tradicionais transmitidos por sucessivas gerações. Estas práticas possuem forte apelo transformador ao reconhecer os saberes ancestrais e o respeito à natureza. Ao utilizar a técnica na contemporaneidade, elas valorizam a ancestralidade, a oralidade e o diálogo constante – muitas vezes conflituoso – entre a tradição, a urgência pela comercialização, o forte apelo turístico e a problemática ambiental.

Neste conflito entre os processos de transformação da natureza e a conservação ambiental, o artesanato Tupinambá resistiu ao tempo e se reinventou, um legado cultural importante, que mantém vivas as tradições e memórias de outros tempos. Esta herança conserva uma conexão importante com o passado, mas também se reinventa em símbolos e significados contemporâneos ao estabelecer conexões e preocupações com o futuro, com o conhecimento tradicional e com a natureza. O movimento percebido na comunidade fortalece a identidade local, mas não afasta a ameaça do desaparecimento da tradição, que sofre pressões diversas.

O artesanato sofreu alterações com o tempo e com a própria mudança do cenário socioeconômico. A atividade artesanal na contemporaneidade, que se estabelece num hiato entre o passado e as perspectivas para o futuro, evidencia em sua trajetória o acúmulo dessas práticas e saberes ancestrais. Constatou-se neste estudo que transformações ocorreram nas práticas – que passou a incorporar uma multiplicidade de formatos e padrões – e no consumo. O levantamento dos elementos iconográficos permitiu conhecer esta realidade, que traz consigo um simbolismo genuíno.

Reconstruir o percurso do artesanato produzido no Litoral Norte da Bahia, a partir da sua iconografia, foi o objetivo dessa pesquisa e serviu para identificar qual a identidade (ou identidades) dos produtos artesanais e suas representações. A região é rica em biodiversidade, onde convivem espécies diversas, algumas vulneráveis ou

ameaçadas de extinção (fauna e flora). Vulneráveis, as espécies retratadas no artesanato necessitam de proteção, divulgação e popularização, ações essenciais para que se estabeleça um processo de conservação ambiental eficiente.

As reflexões e opiniões expostas até aqui podem e devem ser reafirmadas ou confrontadas. Não pretendeu-se oferecer respostas prontas para um produto tão diverso quanto o artesanato, mas apontar caminhos para a reflexão. O artesanato, que acompanhou o ser humano há milênios, busca por novos caminhos e possibilidades, com uma infinidade de abordagens a serem propostas e descobertas, com novas possibilidades. Espera-se ter trazido à tona reflexões acerca de um campo importante de estudo, porém, as discussões aqui apresentadas não serão esgotadas.

Por fim, concluiu-se que as considerações apontadas podem ser utilizadas para complementar outros estudos na área, bem como segmentar geográfica e territorialmente os artefatos produzidos na região, por exemplo. Além disso, pode contribuir com ações que estimulem a valorização do artesanato, com sensibilização e percepção da sociedade para o tema da conservação ambiental das espécies endêmicas. Ressaltamos, no entanto, que outras pesquisas devem ser realizadas para comprovação ou não das lacunas que podem existir neste estudo.

APÊNDICE A – BANCO DE IMAGENS



BANCO DE IMAGENS ICONOGRAFIA DO ARTESANATO

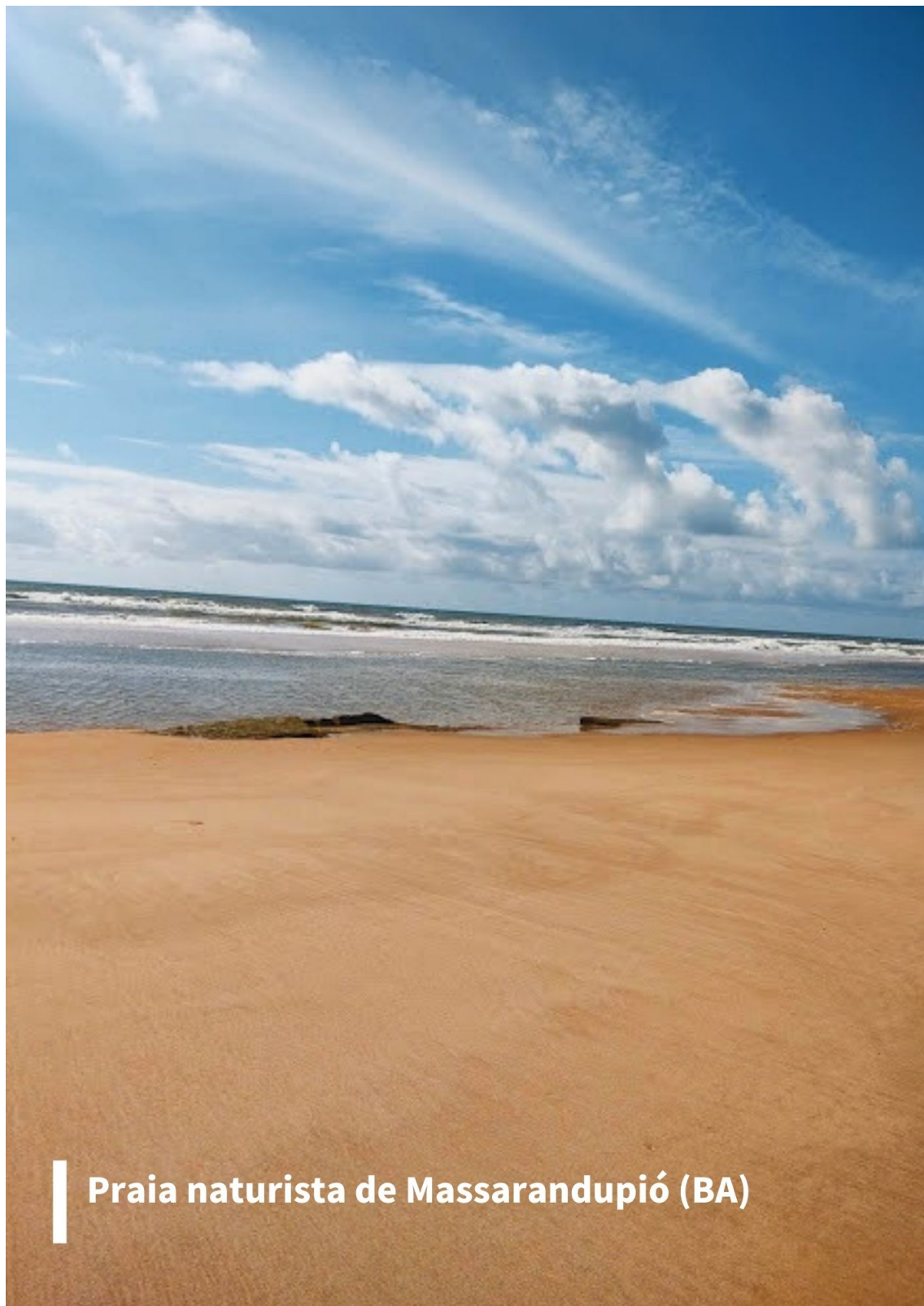
FOTOGRAFIAS PRODUZIDAS NA VILA DE MASSARANDUPIÓ (BA)

CRÉDITOS: MARCOS PAULO SALES



PATRIMÔNIO NATURAL

A região ainda preserva vegetação remanescente da Mata Atlântica, com restingas, manguezais, coqueirais, dunas, lagoas, riachos, cachoeiras e uma fauna e flora endêmicas, com espécies que só ocorrem na região. O cenário ressalta a importância da localidade para a conservação ambiental e proteção das espécies ameaçadas de extinção e estimulam uma produção artesanal sustentável, com foco também na conservação ambiental por meio da representação das espécies.



Praia naturista de Massarandupió (BA)

Dunas de Massarandupió (BA)





Dunas e restinga de Massarandupió



ARTESANATO

TRANÇADO TUPINAMBÁ

O artesanato produzido pelas artesãs de Massarandupió, a partir da fibra da piaçava, tem origem nos antepassados indígenas das comunidades que habitavam a região hoje conhecida como Litoral Norte da Bahia. A produção artesanal tem importância significativa para a economia das comunidades, sobretudo pela possibilidade de comercialização nos empreendimentos turísticos e hoteleiros, além de turistas que visitam as praias naturistas da vila. Por essa ligação histórica e cultural indígena com a piaçava, o trançado confeccionado pelas artesãs é conhecido como Trançado Tupinambá.

ETAPAS DE PRODUÇÃO DO ARTESANATO*



*Na sequência (da esq. para dir.): Manejo e coleta da fibra da piaçava da Bahia (*Attalea funifera Martius*) > Cozimento da fibra > Preparação do câimbo > Secagem da fibra > Riscagem > Tingimento (com produtos naturais e/ou industrializados) > Trançado Tupinambá (técnica indígena) > Modelagem e costura do trançado > Finalização e comercialização do artesanato.



Piçaveiras (principal matéria-prima para produção do artesanato)



ICONOGRAFIA DO ARTESANATO

As artesãs de Massarandupió convivem e se apropriam da biodiversidade para representá-la simbolicamente pelo artesanato. As representações iconográficas identificadas neste estudo ocorreram em três grupos distintos: *Cactaceae* (flores de cactos da restinga), *Squamata* (serpentes e o calango do Abaeté) e *Testudines* (tartarugas marinhas, cágados e jabutis). A representação destes grupos evidenciou a relação das artesãs com os animais que compõem a fauna e a flora da região.

Serpentes



Destaque para a fauna, com a representação iconográfica da herpetofauna de Massarandupió. Apesar de causar medo e pavor, as serpentes ganharam representação no artesanato e são pertencentes ao grupo das Squamatas.



O calango do Abaeté, representado pelas artesãs, foi descrito pela ciência apenas em 2002 e pode ser encontrado em alguns municípios do Litoral Norte da Bahia, em áreas de restinga (dunas de areia branca). A espécie integra o grupo Squamata e está ameaçada de extinção.



Tartarugas, cágados e jabutis



As tartarugas marinhas, cágados e jabutis compõem a herpetofauna de Massarandupió e integram o grupo dos Testudines. Eles são representados pelas artesãs a partir do Trançado Tupinambá, feito a partir das fibras da piaçava da Bahia (*Attalea funifera* Martius),

Cactaceae Flor de cactus



A flor de cacto, encontrada nas dunas e restinga de Massarandupió, representa iconográfica a espécie e é uma forma encontrada pelas artesãs para divulgar as belezas naturais e, ao mesmo tempo, contribuir para a popularização das espécies endêmicas da flora local e a sua consequente conservação.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA



ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Esta entrevista enquadra-se num processo de investigação, no âmbito de uma dissertação a ser produzida para o Mestrado Profissional em Planeamento Ambiental, da Universidade Católica do Salvador (UCSal), e será conduzida pelo discente Marcos Paulo Sales do Nascimento e aplicada com artesãos que atuam nos municípios costeiros do Litoral Norte da Bahia. Com o título *A Iconografia do Artesanato: O Uso dos Recursos Naturais como Ferramenta para a Conservação da Biodiversidade do Litoral Norte da Bahia*, o nosso objetivo é investigar os processos que envolvem a produção do artesanato na região. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos e na elaboração do produto de intervenção proposto para esta pesquisa. Ressaltamos que as respostas dos participantes representam a sua opinião individual e também salientamos que não existem respostas certas ou erradas. Sendo assim, solicitamos ao senhor (a) que responda, de forma espontânea, às questões dispostas na entrevista abaixo, composta por três blocos de perguntas. Agradecemos a sua colaboração.

Bloco I

1. O que é o artesanato para o senhor (a)?
2. Há quantos anos o senhor (a) trabalha com artesanato?
3. Como o artesanato surgiu em sua vida? Com quem aprendeu o ofício?
4. O que o artesanato já lhe proporcionou? De que maneira?
5. O senhor (a) trabalha em equipe ou sozinho? Outros membros da família participam da atividade?
6. O que é ser um bom artesão em sua opinião?
7. Onde peças produzidas são comercializadas? Elas são únicas ou seriadas?
8. Quantas peças são produzidas por mês?

Bloco II



1. Do artesanato que o senhor (a) produz, do qual mais gosta? E qual é o mais comercializado?
2. O artesanato produzido pelo senhor (a) é temático? Em caso afirmativo, quais os temas o senhor (a) já utilizou ou utiliza? Existe alguma preferência?
3. O senhor (a) representa, por meio do artesanato, algum aspecto da vida cotidiana, da fauna ou da flora locais? Quais?
4. Como o senhor (a) escolhe os temas que serão ilustrados por meio do artesanato?
5. O senhor (a) considera que o artesanato produzido é de uso decorativo ou utilitário?
6. Que tipo de matéria-prima ou recursos naturais locais o senhor (a) utiliza na sua produção artesanal?
7. Como esses materiais são encontrados e coletados? Existe alguma dificuldade?
8. Como é a sua relação com a natureza e com os produtos naturais utilizados para produzir o artesanato?

Bloco III

1. O senhor conhece bem a região do Litoral Norte da Bahia?
2. Há quanto tempo o senhor (a) reside na região? Em qual município?
3. Qual a principal dificuldade que o senhor (a) enfrenta na produção do artesanato?
4. Existe algum incentivo do poder público para a produção ou comercialização do artesanato? Quais?
5. Como a sua produção é comercializada?
6. Existe alguma dificuldade neste processo?
7. O senhor (a) conhece bem os animais e plantas da sua região? Representa algum em forma de artesanato?
8. Poderia falar mais sobre a sua relação com a biodiversidade local e qual a relação com o artesanato produzido?

ANEXO A – PUBLICAÇÃO EM ANAIS DE EVENTOS

21/02/2022 12:26

https://www.even3.com.br/participante/impressao/_impressaocartadeaceite?code=395460



O trabalho intitulado **CONHECIMENTOS ARTESANAIS TUPINAMBÁ: PRÁTICAS E SABERES EM RISCO NO LITORAL NORTE DA BAHIA**, de autoria de **Marcos Paulo Sales do Nascimento** e **Sílvia Helena Zanirato** foi aprovado na modalidade Edital de Propostas de Trabalhos Completos em Grupos Temáticos, para apresentação no evento X Encontro Nacional da Anppas a ser realizado entre os dias 05 e 08 de outubro de 2021.

--BRASIL

Roberto Donato da Silva Júnior - robertod@unicamp.br

Data do Aceite:10/09/2021

ANEXO B – PUBLICAÇÃO EM ANAIS DE EVENTOS

74

CONHECIMENTO TRADICIONAL E ARTESANATO: TRANÇADO DE PIAÇAVA, RESPEITO À NATUREZA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM MASSARANDUPIÓ (BA)

Marcos Paulo Sales do Nascimento; Geraldo Jorge Barbosa de Moura
Universidade Católica do Salvador

Neste resumo, apresentamos os resultados de uma observação participante na localidade de Massarandupió, no município de Entre Rios (BA), do universo do artesanato produzido. A partir das observações realizadas na Associação das Artesãs de Massarandupió (ADAM), este estudo de caso revelou quem são as artesãs que trançam a Piaçava da Bahia (*Attalea funifera*), espécie endêmica da região e utilizada como matéria-prima na produção manual de artefatos, bem como seus processos sustentáveis e criativos. Estas mulheres-artesãs, que representam uma forma de resistência ao mundo globalizado e ao conceito de desenvolvimento baseado na economia, são protagonistas do patrimônio cultural imaterial baiano. Eles detêm, transmitem e socializam conhecimentos tradicionais do fazer com as mãos, transmitidos por sucessivas gerações. São saberes trançados em práticas de educação ambiental não formal, não sistematizadas e/ou legitimadas, mas com forte poder transformador, de transmitir saberes ancestrais, como o respeito às questões ambientais. Sob o viés artesanal, está associada a ancestralidade, os saberes tradicionais, a oralidade, a educação ambiental e o diálogo constante – por vezes conflituoso – entre a tradição, a urgência pela globalização e o forte apelo turístico. Ao tramarem novas formas para o design, com a representação da natureza, por exemplo, os antigos ensinamentos e segredos do ofício secular se misturam num processo de hibridação definido por Canclini (2014) como. É neste conflito entre os processos de transformação, conservação e educação ambiental que o artesanato resiste e se reinventa. As artesãs vivem e transmitem o seu legado cultural, educam e mantêm vivas a tradição e a memória, e o artesanato se atualiza, num processo contínuo. A herança, transmitida por outras mulheres e em outros tempos, conserva uma conexão importante com o passado, mas também se reinventa em novos símbolos e significados contemporâneos ao estabelecer conexões e preocupações com o futuro, como forma de afastar a ameaça do desaparecimento da tradição e fortalecer a identidade da comunidade.



ANEXO C – PUBLICAÇÕES EM ANAIS DE EVENTOS

132

ARTESANATO E MEIO AMBIENTE: UMA ANÁLISE DOS PRODUTOS PRODUZIDOS NO LITORAL NORTE DA BAHIA

Marcos Paulo Sales do Nascimento; Fátima Carmelo Balthazar da Silveira Lima
Universidade Católica do Salvador

O artesanato, confeccionado com elementos da natureza, propõe um cenário de sustentabilidade, transformação social e preservação das espécies ameaçadas de extinção no Litoral Norte da Bahia. Este resumo buscou identificar, junto às artesãs locais, qual a representação do artesanato produzido na região, especificamente na localidade de Massarandupió, no município de Entre Rios (BA). A delimitação da região ocorreu pela importância da localidade para a biodiversidade e por ainda preservar vegetação remanescente da mata atlântica, o que ressalta a sua importância para a conservação e preservação ambiental. A análise foi focada na representação das espécies da fauna e flora, endêmicas e ameaçadas de extinção, representadas por meio do artesanato. Para fundamentar a pesquisa e seus objetivos, adotamos uma metodologia composta por pesquisa de campo, análise iconográfica e revisão bibliográfica. O levantamento possibilitou entender como ocorre a divulgação das espécies ameaçadas de extinção por meio do artesanato.



ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa “**A Iconografia do Artesanato: O Uso dos Recursos Naturais como Ferramenta para a Conservação da Biodiversidade do Litoral Norte da Bahia**”. O motivo que nos leva a estudar o artesanato produzido nos municípios costeiros do Litoral Norte da Bahia é entender como os artesãos estão organizados em suas comunidades, como ocorre a produção artesanal a partir da utilização de elementos da natureza e como os animais e as plantas (fauna e flora), ameaçados de extinção, são representadas por meio do artesanato. Para conduzir esta pesquisa, adotaremos os seguintes procedimentos: pesquisa de campo, com abordagem exploratória e descritiva, para coleta de dados, com abordagem qualitativa, seguida por aplicação de entrevista semiestruturada com artesãos da região delimitada. A entrevista é composta por três blocos, com 08 (oito) perguntas cada, totalizando 24 (vinte e quatro) questões, que pode ser respondida num tempo médio de 25 minutos. Ressaltamos que as respostas devem representar a sua opinião individual e salientamos que não existem respostas certas ou erradas. Utilizaremos recursos de filmagem em vídeo e gravação em áudio, a partir da sua expressa autorização. Sendo assim, solicitamos ao senhor (a) que responda, de forma espontânea, às questões propostas. Agradecemos a sua colaboração.

Este estudo apresenta um risco mínimo por não ser invasivo à intimidade do participante e nem provocar qualquer tipo de desconforto (físico ou emocional). Para minimizar estas questões, utilizaremos técnicas e métodos adequados de pesquisa, além de levarmos em consideração as características do universo pesquisado e suas peculiaridades. O intuito é evitar qualquer tipo de intervenção ou modificação intencional em variáveis fisiológicas, psicológicas e sociais. Caso sejam observados quaisquer tipos de desconforto, o estudo poderá ser suspenso para reavaliação. A pesquisa contribuirá para a análise da representação do artesanato produzido no Litoral Norte da Bahia, com estudos nas áreas do meio ambiente, conservação ambiental e sustentabilidade; para estimular a cultura empreendedora entre os artesãos e propor ações de educação ambiental para formar multiplicadores; além de capacitação na utilização sustentável de recursos naturais da mata atlântica e contribuir com a divulgação científica.



Para participar deste estudo, o senhor (a) não terá nenhum custo e nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, o senhor (a) tem assegurado o direito à indenização. O senhor (a) tem garantida a plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o senhor (a) é atendido (a) pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O (A) senhor (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que este estudo possa resultar. Seu nome e/ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão.

Este documento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra via será fornecida ao senhor (a) após a realização da entrevista. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 05 (cinco) anos após o término da pesquisa. Depois desse tempo, os mesmos serão destruídos.

Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____,
contato _____,
declaro que fui informado (a) dos objetivos da pesquisa "**A Iconografia do Artesanato: O Uso dos Recursos Naturais como Ferramenta para a Conservação da Biodiversidade do Litoral Norte da Bahia**" de maneira clara e detalhada, e esclareci as minhas dúvidas sobre o estudo em questão. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a minha decisão de participar como voluntário da pesquisa, se assim o desejar. Declaro que concordo em participar, autorizo a gravação das respostas em áudio e vídeo e recebi uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Também declaro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer qualquer questão envolvendo esta pesquisa.



Pesquisador: Marcos Paulo Sales do Nascimento.

Endereço: Avenida São Rafael, Via B2, Bloco 55ª, Ap. 203. Bairro: São Rafael. CEP: 41.250-520.

Cidade: Salvador/Bahia.

Telefone: (71) 99135-5465.

E-mail: marcos.nascimento@ucsal.edu.br / mp.sales@gmail.com.

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/UCSal – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Católica do Salvador

Endereço: Avenida Cardeal da Silva, nº 205. Bairro: Federação. CEP: 40.231-902. Cidade:

Salvador/Bahia.

Telefone: (71) 3203-8913.

E-mail: cep@ucsal.br.

Site: www.noosfero.ucsal.br/cep/comite-de-etica-em-pesquisa-cep

Salvador, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

ANEXO E – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A Iconografia do Artesanato: O Uso dos Recursos Naturais como Ferramenta para a Conservação da Biodiversidade do Litoral Norte da Bahia

Pesquisador: MARCOS PAULO SALES DO NASCIMENTO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 25440619.9.0000.5628

Instituição Proponente: ASSOCIACAO UNIVERSITARIA E CULTURAL DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.704.471

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa de mestrando do Programa de Pós-graduação em Planejamento Ambiental, da Universidade Católica do Salvador, que tem por objetivo identificar, classificar e mapear o artesanato produzido no Litoral Norte da Bahia, a partir da utilização dos recursos naturais da Mata Atlântica, sob a ótica da iconografia, com foco na representação das espécies endêmicas ameaçadas de extinção. “O estudo caracteriza-se como descritivo por realizar um levantamento dos artesãos, a partir da configuração produtiva e iconográfica, com viés socioambiental. Nosso estudo também possui caráter exploratório por entendermos que existe uma escassez de literatura científica sobre a temática abordada (associação entre o artesanato produzido, matéria-prima utilizada, objeto de interesse e representação de iconografia). Para o levantamento iconográfico, utilizaremos o método proposto por Panofsky (2012). [...] partiremos de uma pesquisa de campo, com realização de entrevista semiestruturada. O método será aplicado com artesãos dos municípios costeiros do Litoral Norte da Bahia, a saber: Salvador, Lauro de Freitas, Camaçari, Mata de São João, Entre Rios, Esplanada, Conde e Jandaíra. [...] Propomos para a entrevista semiestruturada, um roteiro composto por três blocos de perguntas. [...] Ao solicitarmos do entrevistado a sua contribuição e consentimento para a realização da pesquisa, garantiremos o seu anonimato e a confidencialidade dos dados coletados. [...] Os resultados serão classificados por meio da seleção (exame dos dados obtidos), codificação (técnica operacional de categorização) e tabulação (disposição dos dados de forma a verificar as interrelações). Também utilizaremos as

Endereço: PROFESSOR PINTO DE AGUIAR - 2589
Bairro: PITUACU **CEP:** 41.740-090
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3203-8913 **Fax:** (71)3203-8975 **E-mail:** cep@ucsal.br

Continuação do Parecer: 3.704.471

técnicas de Análise do Discurso (PECHEUX, 2014) e Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009), além da análise iconográfica (PANOFSKY, 2012)".

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: "identificar, classificar e mapear o artesanato produzido no Litoral Norte da Bahia, a partir da utilização dos recursos naturais da Mata Atlântica, sob a ótica da iconografia, com foco na representação das espécies endêmicas ameaçadas de extinção".

Objetivos Secundários: "traçar o perfil dos artesãos que atuam no Litoral Norte da Bahia e levantar indicadores sobre o artesanato produzido; realizar um levantamento iconográfico do artesanato produzido; descrever as categorias do artesanato, suas tipologias e recursos naturais utilizados; divulgar as espécies endêmicas (fauna e flora) ameaçadas de extinção, a partir da elaboração e execução de um planejamento de comunicação".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: "Este estudo, que terá como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada, apresenta um risco mínimo por não ser invasivo à intimidade do participante e nem provocar qualquer tipo de desconforto (físico ou emocional). Para minimizar estas questões, utilizaremos técnicas e métodos adequados de pesquisa. Levaremos em consideração o universo pesquisado e suas peculiaridades para evitar qualquer tipo de intervenção ou modificação intencional em variáveis fisiológicas, psicológicas e sociais dos indivíduos que participarão do estudo. Caso sejam observados quaisquer tipos de desconforto, o estudo poderá ser suspenso para reavaliação".

Benefícios: "A partir da hipótese de que não existe uma identidade definida para o artesanato da região, realizaremos o mapeamento dos processos de produção artesanal como forma de fortalecer o trabalho desenvolvido nas comunidades pesquisadas. Na condução deste projeto, também objetivamos contribuir com estudos nas áreas do meio ambiente, educação ambiental, sustentabilidade, comunicação e novas mídias; desenvolver a cultura empreendedora entre os artesãos e propor ações de educação ambiental para formar multiplicadores; capacitar estes artesãos na utilização sustentável de recursos da Mata Atlântica; estimular ações voltadas à conservação ambiental e contribuir com a divulgação científica. Além disso, como produto deste projeto, será elaborado um plano de comunicação que contemple ações específicas: criação de uma loja virtual, com venda de produtos a partir do e-commerce; propor a criação e o gerenciamento de perfis nas principais mídias sociais (Facebook, Instagram e Twitter), para divulgar a venda dos produtos para um público amplo; e a produção, filmagem e edição de um documentário para dar visibilidade a estas comunidades, às espécies endêmicas ameaçadas de

Endereço: PROFESSOR PINTO DE AGUIAR - 2589
Bairro: PITUACU **CEP:** 41.740-090
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3203-8913 **Fax:** (71)3203-8975 **E-mail:** cep@ucsal.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



Continuação do Parecer: 3.704.471

extinção e aos trabalhos artesanais produzidos”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Esta pesquisa mostra-se relevante por investigar e divulgar o uso dos recursos naturais como ferramenta para a conservação da biodiversidade do Litoral Norte da Bahia.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Constam a folha de rosto devidamente preenchida e assinada, o cronograma de execução, o orçamento financeiro, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o roteiro de entrevista.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Em reunião do colegiado, ocorrida em 13/11/2019, fica deliberado que o projeto está aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1460267.pdf	31/10/2019 20:37:41		Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto.pdf	31/10/2019 20:36:05	MARCOS PAULO SALES DO NASCIMENTO	Aceito
Outros	ROTEIRO_ENTREVISTA.doc	31/10/2019 20:14:30	MARCOS PAULO SALES DO NASCIMENTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pesquisa.doc	31/10/2019 20:13:35	MARCOS PAULO SALES DO NASCIMENTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	31/10/2019 20:12:47	MARCOS PAULO SALES DO NASCIMENTO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.doc	30/10/2019 16:54:17	MARCOS PAULO SALES DO NASCIMENTO	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: PROFESSOR PINTO DE AGUIAR - 2589
Bairro: PITUACU **CEP:** 41.740-090
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3203-8913 **Fax:** (71)3203-8975 **E-mail:** cep@ucsal.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



Continuação do Parecer: 3.704.471

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 13 de Novembro de 2019

Assinado por:

ANDERSON ABBEUSEN FREIRE DE CARVALHO
(Coordenador(a))

Endereço: PROFESSOR PINTO DE AGUIAR - 2589

Bairro: PITUACU **CEP:** 41.740-090

UF: BA **Município:** SALVADOR

Telefone: (71)3203-8913 **Fax:** (71)3203-8975 **E-mail:** cep@ucsal.br